



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

# PROSAS DE CABINHA E DE PROFESSOR

Francinaldo Dias





**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

# **PROSAS DE CABINHA E DE PROFESSOR**

Francinaldo Dias

Fortaleza - Ceará  
2023

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação



### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D541p Dias, Francinaldo Silva  
Prosas de cabinha e de professor [recurso eletrônico] /  
Francinaldo Silva Dias. - Fortaleza: SEDUC, 2023.

120p.

**ISBN 978-85-8171-278-9**

**ISBN 978-85-8171-270-3 (E-book)**

1. Literatura. 2. Contos. I. Dias, Francinaldo Silva. II. Título.

CDD 869.93

[www.seduc.ce.gov.br](http://www.seduc.ce.gov.br)



**Elmano de Freitas da Costa**  
Governador

**Jade Afonso Romero**  
Vice-Governadora

**Eliana Nunes Estrela**  
Secretária da Educação

**Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira**  
Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

**Helder Nogueira Andrade**  
Secretário Executivo de Equidade, Direitos Humanos e Educação Complementar  
e Protagonismo Estudantil

**Maria Jucineide da Costa Fernandes**  
Secretária Executiva de Ensino Médio e Profissional

**Maria Oderlânia Torquato Leite**  
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

**Stella Cavalcante**  
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

**Julianna da Silva Sampaio**  
Coordenadora de Comunicação

**Marta Emilia Silva Vieira**  
**Danielle Taumaturgo Dias Soares**  
**Keifer Fortunatti**  
Assessoras Especiais do Gabinete

**Ideigiane Terceiro Nobre**  
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

**Maria da Conceição Alexandre Souza**  
Articuladora de Gestão

**Dóris Sandra Silva Leão**  
Orientadora da Célula de Gestão Pedagógica e Desenvolvimento Curricular – CEGED

**Francisco Clerito Alves da Silva**  
Orientador da Célula da Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Noturno – CEJEN

## **Coordenação**

Centro de Documentação e Informações Educacionais  
Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio - COGEM

## **Conselho Editorial**

Adriana Schneider Muller Konzen	Izabelle de Vasconcelos Costa
Ana Gardennya Linard Sório Oliveira	Jacqueline Rodrigues Moraes
Ana Joza de Lima	José Romário Rodrigues Bastos
Antônia Varele Gama Silva	Katiany do Vale Abreu
Antonio Helonis Borges Brandão	Lindalva Costa Cruz
Arnaldo Dias Ferreira	Marco Aurélio Jarreta Merichelli
Augusto Ridson de Araújo Miranda	Marcos Felipe Vicente
Betânia Maria Gomes Raquel	Maria de Fátima Xavier
Cintia Ferreira de Andrade	Mayara Tâmea Santos Soares
Cintya Kelly Barroso Oliveira	Newton Malveira Freire
Elaine Holanda Maciel	Paula de Carvalho Ferreira
Fernanda Maria Diniz da Silva	Paulo Venício Braga de Paula
Francisca Aparecida Prado Pinto	Renata Priscila Conceição da Costa
Francisca Juliana Feitosa Soares	Roberta Eliane Gadelha Aleixo
Francisco de Assis Sales e Costa Junior	Ronaldo Glauber Maia de Oliveira
Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro	Rosendo Freitas de Amorim
Gezenira Rodrigues da Silva	Tamara da Cunha Gonçalves
Helayne Mikaele Silva Lima	Vagna Brito de Lima
Herman Wagner de Freitas Regis	Yure Pereira de Abreu

## **Edição**

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula  
Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão  
Centro de Documentação e Informações Educacionais

## **Normalização Bibliográfica**

Elizabete de Oliveira da Silva

## **POLÍTICA EDUCACIONAL E PRODUÇÃO TEXTUAL**

A sociedade brasileira precisa reconhecer efetivamente a relevância da Educação. Um aspecto central desse reconhecimento reside em valorizar o Magistério e o professor. A valorização do magistério pode expressar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi instituída uma política pública de estado denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. A consolidação dessa proposta que investe no protagonismo docente gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um criterioso processo de seleção.

A decisão da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em organizar e publicar artigos que são recortes de dissertação e tese de professores da rede estadual de ensino, está baseada no programa Ceara Educa Mais, através da ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará tem feito história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc tem promovido um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos têm se manifestado na consolidação do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem com mais qualidade e compromisso.

**Eliana Nunes Estrela**  
Secretária da Educação do Ceará

**Jucineide Fernandes**  
Secretária Executiva do Ensino Médio e da Educação Profissional

## **PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ**

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar a/o professora/or. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pela/o professora/or.

Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação continuada por pares. O amadurecimento dessa ação ocorre com a edição da Lei nº 17.572/2021, de 22 de julho de 2021, que estabelece o Programa “Ceará Educa Mais” e que, no Art. 2º, Inciso II, trata da ação Professor Aprendiz. Este programa aposta no protagonismo docente gerando desdobramentos substanciais, dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores(as) da rede que ocorreu nos anos de 2017, 2018 e 2019. Deve ser ressaltado que os trabalhos acadêmicos, literários e temáticos selecionados para publicação passam por um rigoroso processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc) em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) a publicação de suas experiências e reflexões; b) a formação e o desenvolvimento contínuo de outros professores; c) na publicização de obras acadêmicas e literárias dos professores, em formato impresso, bem como de livros temáticos, em formato digital.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado), Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto) e Livros Temáticos Digitais que contemplem temas transversais e/ou associados às áreas de conhecimento (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagem e suas tecnologias, Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias).



São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz história com essa iniciativa. Ao publicar as produções de seus(suas) professores(as), a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

**Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão**  
**Prof. Dr. Rosendo Freitas de Amorim**  
**Prof. Ms. Paulo Venício Braga de Paula**

## PRÓLOGO

Rubem Alves, sobre os olhos, as palavras e o mundo, assim reflete: “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”. Dada a luz poética com que esse grande educador costumava iluminar seus pensamentos em forma de discurso, dificilmente os sentidos possíveis para esses três signos se esgotam. Os olhos podem ser muito mais do que as córneas, as palavras podem ir muito além dos verbetes e podemos conhecer vários mundos, como o mundo das/os educadoras/es.

Nesse mundo, os olhos representam toda a sensibilidade do indivíduo que educa. A/o educadora/or vê não só com os olhos, mas também com os ouvidos e com o tato. Tudo, ao seu redor, é palavra: críticas e elogios, respostas “certas” e “erradas”, perguntas e silêncios, abraços e distâncias, sorrisos e lágrimas. Entretanto, como educadoras/es, nem sempre nos damos conta de respirar tantos significados nessa semiosfera que é a escola e podemos, muitas vezes, ignorá-los. E assim, perdemos a oportunidade de melhorar nossos olhos.

Esta publicação traz valorosas contribuições de educadoras e educadores que aproveitam essa oportunidade e, agora, também nos oportunizam uma melhora do nosso modo de ver a educação. As produções aqui apresentadas trazem a perspectiva de quem aprimorou um olhar pedagógico que, agora, transforma em palavra.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), por meio da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio, espera que as palavras das/os nossas/os educadoras/es, aqui eternizadas, possam alcançar (e melhorar) os mais diversos olhares. Que esses olhares possam germinar em produções futuras que contribuirão, cada vez mais, com o nosso modo de compreender e de agir neste mundo tão desafiador, que é o da educação.

**Ideigiane Terceiro Nobre**

Coordenadora da Gestão Pedagógica do Ensino Médio/COGEM

**Ana Cecília Freitas**

Assistente Educacional /COGEM

---

## SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	11
<i>Despedida</i>	15
<i>Uma saída perfeita</i>	19
<i>O homem parado</i>	23
<i>O vendedor de algodão doce</i>	27
<i>Reconhecimento</i>	29
<i>A casa</i>	33
<i>Maria da eternidade</i>	37
<i>Pequena crônica onde os fatos não são mera coincidência</i>	41
<i>Nova dialética</i>	43

<i>Às crianças, com carinho</i>	45
<i>O celular</i>	49
<i>Manhã de sábado sem trabalho</i>	57
<i>Uma de escola</i>	59
<i>É triste</i>	63
<i>Mais uma de escola</i>	65
<i>Meu novo visual e a desculpa</i>	69
<i>A origem do hipertexto é no sertão</i>	73
<i>Conversa com quem entende de poesia</i>	75
<i>A flor a que Drummond se referia renasce sempre em meio ao caos</i>	79
<i>Deveras</i>	83
<i>Crônica de fim de ano</i>	91
<i>Graciosa</i>	95
<i>Anjo</i>	99
<i>O cúmulo</i>	103
<i>Lições</i>	107
<i>Flacidez</i>	111
<i>Nesse último ano</i>	115
<i>Posfácio</i>	119

---

## PREFÁCIO

Aqui, a mais nova "cria" do multifacetado "Cabinha do Alto da Penha", Francinaldo Dias, ou, como queiram, Difá Dias. Em Prosas de Cabinha e de Professor, o autor faz um passeio/retrospectiva/narrativa das experiências vividas e, também, as sonhadas (nem sempre realizadas!) por ele e por tantas outras pessoas... Com histórias de vida e com CPF a serem "explorados". Nessa miscelânea, Dias discorre desde o casal em dúvida sobre qual nome dará ao primeiro filho (e por quais motivos!), passando pelo paralelo entre o professor de "primeira viagem" e a manga "devês", chegando à agenda do celular (aguardando a surpresa de uma ligação!), sem maiores preocupações com a ordem cronológica dos fatos/acontecimentos a nós apresentados nessa obra.

Francinaldo Dias é um excelente poeta/prosador, justamente por escrever/recitar/interpretar a vida de pessoas reais, como os meninos (inclusive ele!) das periferias do Crato-CE,

a empinarem "papagaios", tomarem banhos no Rio do Cafundó ou passarem a tarde inteira nos campinhos de futebol, brincadeiras simplórias, mas imprescindíveis para a atual conjuntura (aumento das doenças de ordem psiquiátrica!). Dias, com a sinceridade peculiar dos homens e das mulheres periféricos (em relação ao perverso processo de acúmulo de riquezas), denuncia, de forma pontiaguda e certa, as injustiças sociais, o abandono das pessoas, a violência estatal contra as/os adolescentes negras/os das comunidades satélites desse Brasil tão desigual para a maioria do povo brasileiro. O Professor Francinaldo, entusiasta da educação como remédio para muitos males que nos afligem (pobreza, estupidez, ignorância,...), com coragem e lucidez, denuncia a usurpação dos processos educacionais por parte da burguesia nacional, que visa adestrar mentes/corpos, como forma de catapultar seus lucros e mandar/manter na sarjeta os outros 200 milhões de brasileiros/as.

Por outro lado, nosso escritor, Difá Dias, nessa obra e nas anteriores (sim, ele apesar da idade, é um veterano na arte de traçar elaboradas ideias e linhas!), retrata a alegria do povo do Alto da Penha, como, por exemplo, durante as festas juninas: as mulheres preparando as comidas e os homens e jovens a enfeitar as ruas com bandeirolas e com a imagem da alegria, estampada no rosto de cada "altopenhense"!

Nobre leitor/a, *Prosas de Cabinha e de Professor* é um universo de crônicas/contos/causos de agradável e atraente leitura, podendo ser desfrutado em qualquer direção ou em qualquer sentido, sem deixarmos de captar a sagacidade, a

criatividade e os ensinamentos do profeta/poeta/professor,  
Francinaldo Dias!

Desejo-lhes uma ótima viagem!

Carlos César Pereira de Sousa





---

## DESPEDIDA

Nesta velha casa em metamorfose, já vivi muitos invernos. E os que comigo habitaram-na, ao longo desse tempo, juntos, enfrentaram muitas lutas. Entre essas paredes que hoje abrigam esse caixão com esse senhor, ali deitado, que parece dormir, passei muitos momentos bons e muitos momentos difíceis. Cheguei aqui pela primeira vez num misto de alegria e dúvida. Era mais um monturo que um terreno, mas, foi o que consegui comprar.

Em várias noites pretéritas meus amigos aqui vieram. E comemoramos. Uns traziam vinho, outros conhaque. Um amigo pedreiro me ajudou e juntos, eles, o conhaque, o vinho e eu conseguimos encher as bases. Havia mais boa vontade que pedra, concreto, cimento e ferro. Também havia mulheres que ajudavam a servir as coisas, o vinho, o conhaque, os tijolos e a massa. Elas ainda dançavam alegremente. Uma amiga trouxe um lenço, outra pediu a um amigo dinheiro. Disse que era pra fazer

um café. Outra trouxe flores que colheu, se bem me lembro, nos jardins alheios. Pequenas flores, amarelas, vermelhas, brancas. Não são daquelas luxuosas das floriculturas, mas dessas que aparecem por tudo que é lugar.

Tudo isso alegra o coração de um homem. Não obstante isto aconteça num funeral. A certeza do tempo que passou ainda não é certa. E como é certa. Aquele aparelho de som ali calado, já dançamos muitos escutando velhas canções, assim espantávamos os fantasmas da pobreza. Hoje o fantasma quer ficar. Não me conformo, não obstante a vida difícil que tínhamos. Uma amiga pegou um lenço e enxugou as lágrimas. Essa atitude me causa estranhamento, agora que não há a possibilidade de julgamento dos vivos, ousou de dizer, que é um choro suspeito.

Está chegando o fim da festa, todos estão indo embora, eu fico sozinho. Noutros tempos tinha companhia de sobra. Nenhuma tão séria. A inconstância é inimiga do amor. Mas amei também. E dessa árvore não houve frutos. Nem flores. Não consigo sair até a porta e sinto o obscuro dever de ficar aqui. Se pelo menos o senhor do caixão ainda estivesse aqui. Mas não. Os outros que saíram levaram-no. Em meio a choro e soluços, levaram-no.

Eu já disse enfrentamos muitos invernos aqui? E secas também! Houve época que éramos farrapos de gente. Quando o tempo melhor sorriu, quis uma companheira, mas já não inspirava a confiança de ninguém. Bebíamos desde a dor da miséria à satisfação da bonança, bebíamos tudo e tudo acabava,

nada é pra sempre. Esses móveis que aqui estão, sofá velho, televisão, mesa, cadeiras, fogão, panelas, cama e tantos outros necessários ao funcionamento de um lar habitado, sinto que não precisarei usar nenhum. Quero dormir e não tenho sono. Tenho sono e tenho medo de dormir. Aliás, meu medo é acordar numa manhã cinzenta e triste de outono. O vento gélido vem esbofeteando a porta. Há três horas que todos saíram seguindo caixão. Ninguém voltou! Por que será? Se pelo menos aquele senhor que estava no caixão estivesse aqui.

Hesito sobre a possibilidade de usar algum aparelho. O computador está ligado. Quem o ligou? Lembro que enquanto muitos choravam uma jovem estava sentada em frente a esse aparelho. Chego mais perto. Ainda tenho medo dessa máquina. Ela sempre me assustou com essa capacidade da onipresença dissimulada. Chego mais perto, e vejo na tela a página de uma rede social. A página é da jovem. Detenho-me um instante sem querer ler o que diz aquela mensagem em sua linha do tempo. É inevitável. Chego mais próximo, vejo algumas fotos, sou eu, meus amigos, sou eu sorrindo. Quando leio a mensagem em letras chamativas, a declaração daquilo que não queria entender: LUTO!!! Aquele senhor no caixão era eu.



---

## UMA SAÍDA PERFEITA

O ano era de 2001, o mais querido rubro-negro da terra, e acho até que do universo, acabara de se tornar tricampeão carioca em cima do arquirrival CRVG. Por uma questão de princípios vamos colocar apenas a sigla. Fato esse que deu origem a várias piadinhas muito engraçadas e criativas. Mas nossa história não se trata de uma piada, aliás, trata-se de coisa muito séria. O próprio Código Civil traz a seguinte redação em seu artigo16: “Toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome.” Verdade é que houve piadas e muitas, tudo bem que o adversário deu margem para que isso acontecesse. Nesse mesmo jogo em que o Mengão se sagrara tricampeão, o nosso rival também conseguira ser tri, a diferença é que tri vice campeão não é coisa de se comemorar, talvez na Europa, quem sabe. Pior, tri vice em cima do Flamengo, ou embaixo, como queiram! Mas se o que está ruim pode piorar, o que está pior pode ficar pior ainda, nestes três vice campeonatos o time da colina teve como algoz o grande Rubro Negro. Foram três anos consecutivos tendo que aceitar as nossas gozações.

Pois bem! Enquanto no mundo inteiro, milhões comemoravam o título e tripudiavam os bacalhaus, em um certo bairro de uma importante cidade no interior do grande estado do Ceará, um casal enfrentava sua primeira crise conjugal, fruto de uma divergência de opiniões. Explico, não obstante omita os nomes dos pecadores, direi o pecado: o casal esperava o nascimento de seu primeiro filho, e ainda não haviam decidido que nome dariam ao primogênito. Vários nomes entraram na lista. Ela, de família de tradição católica muito comum no interior do Ceará, dava preferência a nomes de santos: Francisco, José, João foram citados mas excluídos por serem muito comuns. Matheus, Lucas, Marcos, nomes de santos evangelistas estavam na disputa por parte da esposa.

Ele, flamenguista doente. Vasculhava nas escalações das grandes formações do mais querido, nomes para seu rebento. Zico, embora gozasse de grande prestígio com nosso amigo, por ser o grande ídolo da nação rubro-negra, fora descartado. Tratava-se de um apelido, e sua senhora não permitiria. Mas Arthur poderia! Pensava ele. Além desse nome, a lista ainda continha nomes como Adílio, Junior, por que não o nome do pai? Pensava como se dissesse a mulher. Sávio também era um forte na disputa mas não tanto como Rondinelli deus da raça rubro-negra.

A discussão já durara algumas semanas e o dia do parto se aproximava. O casal oscilava entre conversas mais contidas e discussões mais exacerbadas. Porém, um fato pôs fim à questão. O pai da esposa de nosso orgulhosos flamenguista, o sogrão, também rubro-negro, falecera em certa tarde vítima de mal

súbito. A comoção e a dor da perda mexeu com a mulher que num gesto de gratidão ao pai falecido, resolvera colocar no garoto a nascer o nome do avô. Expedito Domingos Dias Neto, esse seria o nome do novo torcedor do mais querido. A decisão foi acatada pelo esposo que também gostava muito do sogro e não ia contrariar a esposa que sofria.

Era uma tarde de domingo e o time da cruz de malta tinha a vantagem de poder perder por um gol de diferença, já que numa partida de muita sorte no domingo anterior havia vencido por 2x1. Pois bem, o Capetinha Edilson abriu o placar e acendeu as esperanças rubro-negras, mas antes que terminasse a primeira etapa, eles empataram. No intervalo nosso personagem faz suas orações de costume e entre os seus balbucios, parece que ele tem uma carta na manga. Segundo tempo, jogo pegado, enquanto o mais querido ataca acaba se expondo e o adversário explora os contra-ataques. Lá atrás Júlio César se garante e fecha o gol. O futuro papai rói as unhas, bates os joelhos um no outro com ímpeto.

Empurrado pela grande massa, o Mengão chega ao segundo gol com o capetinha Edilson novamente. A festa das arquibancadas parece sacudir a sala de nosso herói que grita num frenesi como se já tivesse ganhado o título. Jogo que segue, angústia que toma conta do nosso amigo. Apreensão na sala, novos balbucios por parte do futuro papai. A essa altura, quarenta do segundo tempo, a angústia toma conta da sala e do nosso camarada. O que ele não faria por mais um gol do mais querido? De repente, entre orações e pragas surge, aos quarenta e três

minutos, uma falta.

Se por um lado, Petkovic é o baterador, por outro, a distância não é das melhores. Figa nas mãos e nos pés, dá-se um jeito. A precisão com que Petkovic bateu aquela falta foi tamanha e tão decisiva não apenas para a conquista do título de Tricampeão carioca, mas para a própria vida do nosso Flamenguista. Gritos de tricampeão ecoavam na sala! Na rua, fogos e gritaria! De repente o anúncio de algo silenciador: meu filho vai se chamar Petkovic!!! Ao ouvi-lo, a mulher corre para o quarto. Ele a segue e explica que fez uma promessa para São Judas Tadeu, padroeiro do Flamengo.

- Se fizéssemos o terceiro gol eu colocaria no meu filho o nome de quem fizesse o gol. Alegou que não poderia trair o santo. Emendou com a história de que a ideia de meter santo em nome de filhos era da mulher. Ao que a mulher contesta:

- Onde é que tem santo aí nesse nome!?

Após alguns minutos de conversa em tom de discussão, a esposa começa a chorar e entre soluços e lágrimas diz:

- E o meu pai? Prometi colocar o nome dele na criança!

O esposo lembra sim, diz que até concordou. Quando tudo parecia caminhar para um impasse, ele, com cara de quem solucionou o problema da fome e das guerras no mundo, diz em tom sério, enérgico e decidido: meu filho se chamará Expeditovik Domingos Dias. E saiu aos gritos: Tricampeão! Tricampeão!!!



---

## O HOMEM PARADO

Ele estava parado há algumas horas, não falava, não gesticulava, nada. Quem passava desviava o olhar num soslaio rápido e seguia em frente. Ninguém nunca tinha visto aquela figura ali, nem cena tão estranha. E o tempo foi passando, passando, passando.

Era tarde do dia quando um transeunte, não sei se mais curioso ou mais corajoso, chegou para o homem e interpelou-o:

- Por que está nesta posição há tanto tempo?

O homem não respondeu. Perguntou novamente o transeunte:

- Por que não fala? Não gesticula? E o homem nada respondeu. Após essas, seguiram várias outras perguntas. Mesmo resultado, o transeunte, cansado de falar sozinho, foi embora.

A noite chegou e os casais de namorados começaram a chegar, uns olhavam rapidamente e seguiam, outros demoravam um pouco mais, e nada diziam, alguns casais sentavam-se nos bancos da praça próximo ao homem e entre beijos e afagos, uma olhadinha para vê-lo mexer, nada.

Uns garotos jogavam futebol numa quadra a alguns metros, a bola chutada por um moleque veio de lá e bateu no homem parado, nada de mexer.

O tempo passou, os moleques do futebol foram embora; os casais foram embora, inclusive os mais ousados, da sessão coruja, que adoram as altas horas. E o homem lá.

O guarda noturno que estava de serviço naquela noite se aproximou e iniciou um monólogo insistente querendo quebrar aquele silêncio do homem, e nada conseguiu.

Chegou a madrugada, o vento gélido fez o guarda procurar um abrigo mais quente e confortável. A barra do sol saiu e com ela, os operários que partiam para mais um dia de trabalho. E o homem imponente, estático, silencioso completara seu primeiro ciclo naquela situação.

Mas, o que parecia apenas uma cena curiosa, tornou-se um problema. Os garis que limpavam a rua naquela manhã não limpavam no lugar que o homem estava, foram reclamados pelo superior que fiscalizava o trabalho e colocaram a culpa no homem ali parado; o supervisor da turma de garis por sua vez foi reclamar

com o secretário de limpeza pública do município, este ao prefeito, que reclamou com o governador, que foi ao presidente, que resolveu tomar uma providência.

Com uma medida propôs um referendun. O congresso aprovou a ideia e começaram os preparativos para realizá-lo, milhões foram investidos em propaganda, frentes parlamentares foram criadas. Uns a favor do homem parado e outros que eram contra, foi uma verdadeira festa democrática. Comícios, passeatas, carreatas e até gente distribuindo presentes para os eleitores como se eleição fosse.

Marcaram a data, tudo ocorreu bem, nesses tempos de avanço tecnológico, urnas eletrônicas, rapidamente, saiu o resultado da apuração. Os que eram a favor da retirada do homem parado daquela rua fizeram a festa. O sim venceu.

Mas como retirar aquele homem dali? Militantes do movimento dos direitos humanos, hippies, ambientalistas e todo o movimento alternativo protestavam contra a decisão. Um homem mais vibrante, de bigodes a Marechal Deodoro, lia em voz alta os princípios constitucionais: artigo V inciso I, todos são iguais perante a lei; ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer uma coisa senão em virtude de lei; etc., etc.

Antes que ele terminasse de ler o artigo V da constituição sumira no meio da multidão da guarda nacional. Numa decisão soberana e heroica decidiram convocar as forças armadas para retirar o homem da rua, era um caso de ordem nacional, vários

homens armados até os dentes ficaram posicionados numa certa distância.

Acreditava-se que o homem poderia reagir, com uma bomba presa ao corpo ou coisa parecida. Um general do exército chegou para interrogar o homem e avisá-lo dos seus direitos e de tudo que tinha acontecido.

Nesse instante, viu um papel no bolso do homem, um pequeno bilhete em letras desenhadas por uma caneta segurada pela mão de um pai de família, que há dois anos não arrumava emprego. “Protesto pela falta de emprego”, e continuando “não faço greve de fome, pois fome já tenho tanto, eu e minha família e muitos do meu lugar, já muito andei, ninguém me notou; resolvi parar aqui nesse calçadão de praça movimentado e daqui só sairei quando arrumarem um emprego para mim, para que eu possa conseguir pelo menos alimentar a minha família, faço greve de movimentos e de palavras pois a greve de fome tanta gente faz todos os dias compulsoriamente no Brasil e nada acontece”.

Após ler aquelas palavras, o general pensou um instante, fechou os olhos comovido, depois falou pra o homem em voz baixa: sinto muito! Depois pra multidão inteira ouvir:

- Recolham o contraventor. E foi aplaudido pela multidão que não sabia o que estava acontecendo naquele momento.

---

## O VENDEDOR DE ALGODÃO DOCE

Firinnnnnnnnnnnnfiririn... Era o Senhor que naquela época já grisalho, vendia algodão doce de bairro em bairro, de rua em rua, de casa em casa; e nós, meninos soltos pelas ruas e calçadas do Alto da Penha, acompanhávamos ele, admirando aquele pregão de guloseimas coloridas e pedindo um saquinho de algodão murcho, "algodão murcho não tinha vendagem", dizia ele.

Essa cena fez parte da minha infância e hoje quando escuto aquele apito, vêm-me na mente imagens, que até então perdidas, ressurgem e me alegram! Hoje não tem mais tantos meninos nas calçadas à espera do "homem do algodão doce", nesse mundo evoluído de chocolates, *kinderjoe* e outras coisas mais, o senhor de cabelos branquinhos, é o mesmo, hoje está totalmente branquinho, ele já não desperta tanto a alegria das crianças.

O senhor de cabelos brancos, outro dia me falou que

estava na casa dos oitenta e só de vendedor de algodão lá iam quase setenta. Fiquei imaginando quantas gerações de crianças não tiveram seu alumbramento com esse Senhor, ele representa muito para a história de muita gente.

Fico imaginando o dia em que aquele apito mágico, tal e qual a flauta da história que arrastava os ratos daquela cidade, esse apito arrastava crianças. Fico imaginando quando o apito se calar, fico imaginando que também o homem terá se calado, homem e apito são um só! E aí? Perguntar-me-ão os insensíveis! E aí que isso significará que uma parte imensurável da nossa infância terá partido para todo o sempre. Responderei sem muito rodeio.

Lá vem ele, compro dois sacos de algodão pra meus filhos, tem uns meninos na rua, pergunto se eles querem. Um pequeno de camisa do Flamengo diz

- Não pode ser um *kinderjoe* lá em Leni!? Leni é a mulher da mercearia da esquina. Respondo-lhe que não, ele aceita o algodão, ele e os dois colegas. Eu vou pra minha casa, ainda volto o olhar pra o Senhor de cabelos branquinhos, ele já não apregoa, apenas assopra o apito firinnnnnnnnnnfinfin! Sinto que já anuncia o fim!!!

---

## RECONHECIMENTO

"Amigo é aquele que nos conhece a fundo, e não obstante nos quer bem". Li esse pensamento de E. Hubbard a primeira vez num caderno escolar de minha irmã Cecília, Ela tinha treze anos; eu, dez. Não tinha ideia da importância desse fato na minha vida, talvez por desconhecer a concessão "não obstante". Metalinguagem! Talvez não te conhecesse deveras! Neste tempo eu era andarilho vindo de ti, minhas origens estavam em ti! E tu, pai, tão perto, distante, ao meu lado bem longe de mim! A nossa vida era dura e eu pequenino, levado à escola por ser teu caminho ao trabalho.

Teu silêncio me guiava. Eu, menino de cinco anos, ia descobrindo as ruas nos teus passos acelerados, ainda hoje ando rápido. Pensava, quantas casas bonitas fizeste! E o nosso castelo de taipa, eterna metamorfose, eu não entendia direito porque sentia vergonha, eu era criança ainda, eu não entendia.

Deixava-me na porta da escola, eu me orgulhava de ti. Tua figura calada, saía, cada vez mais distante e eu menino chorão, desejava ir contigo.

- Veste a roupa do ABC para teu pai ver o pequeno doutor, - não vesti, não entendia que era importante pra ti! Não parecia! Eras tão calado, tão duro!

Briga na rua? Na escola? Teu código mudo proibia pena: pêia! Era teu jeito de disciplinar! Eficaz! Era teu jeito de amar! Nove filhos, bons filhos! Foste agricultor, operário, pedreiro, e bom, sempre bom!

Quando a bola te acertou o rosto naquela tarde, senti-me mal, depois feliz com o teu perdão que assustou mais que uma surra! Uma vez justo sempre justo! Surrou o filho por conversas dos outros! Eu vi a dor nos teus olhos ao descobrir a verdade: não tinha sido o pequeno!

- Negrinho filho da p...! Falou o homem de olhos azuis da companhia de energia ao pequeno que chegava da escola! E tu protetor defendeste tua cria! Orgulho! Poupava-me no trabalho da roça.

-Primeiro a escola! E eu inventava trabalhos escolares para não ir à roça! Serviram! O pequeno virou professor, mas não mestre, que é mais complexo. Tu eras mestre!



Na adolescência, a distância aumentou, tua autoridade rude assustava e não ousei desafiá-lo. Por algum tempo nos afastamos, poucas conversas, tu trabalhavas e eu também, alguns contratemos e nos reaproximamos, fomos nos conhecendo, descobrimo-nos juntos! As tuas histórias sobre vovô, a ideia do livro sobre tuas origens, o meu interesse pela origem da nossa família, as horas de conversa debaixo daquela árvore no terreiro, as histórias sempre repetidas e de encanto inédito.

Depois no Hospital essas histórias serviriam para te manter lúcido, e mantinham! Nossa última conversa no HC, tua vontade de voltar pra casa, tua declaração de amor ao Crato, à tua família, a teus amigos! E nós te trouxemos! Na estrada, a cada km mais próximo do Ceará, teu semblante de doente dava lugar ao de felicidade, tua força ressurgia, tu ressurgias como a fênix mitológica, e ficamos felizes! Nos últimos meses a tua presença nos fortaleceu e tuas últimas lições foram dadas, não com palavras, mas com humildade de aceitar ajuda, de pedir ajuda e de se reconhecer humanamente homem! Obrigado por tudo que nos ensinou. A tua semente foi lançada e dos frutos novas sementes carregarão o teu legado através dos tempos e assim se eternizará entre todos que te amam.



---

## A CASA

Estando eu observando a velha casa do meu pai, comecei a pensar em quanta história não se encontra ali naquelas paredes tantas vezes pintadas, para nós, tão importantes como as velhas pinturas rupestres de Lascaux para a Paleontologia; essas paredes são a história viva de meus irmãos que muito cedo se evadiram para as terras do sul. Lembrei-me do telhado com telhas coloniais do tempo da Cecral, onde meu pai trabalhou durante longos anos, até a extinção da empresa.

Hoje restam apenas uns cômodos com tais telhas, mas é irrelevante para quem não conhece a história. O forro que minha mãe resolveu colocar não permite a visão das telhas, meus pequenos textos da infância “Cerâmica Crato Ltda.”. Foi uma das minhas primeiras leituras. Hoje, só fazem sentido pra mim e, talvez, para meus irmãos. Aquelas telhas grandes que durante muito tempo nos protegeram das intempéries da chuva, do sereno, do sol escaldante naquela casinha que ao longo de pouco

mais de trinta anos se metamorfoseou chegando ao que tá hoje.

Cada vão que te compõe, meu eterno lar, é uma narrativa que ouço cada vez que lembro dos tempos em que eu era apenas uma criança. As noites em que, intruso, invadia o quarto de meus pais, medo de escuro, de trovão, de relâmpago. – Posso dormir no meio? Perguntava. Meu pai entre chateado e sonolento, deixava. Era a felicidade sem preço. Saudades!

Cheguei até o quintal e as lembranças vieram quase vivas. O pequeno cão latiu. E todos os outros que criamos ressurgiram. Eu tinha o hábito de nomeá-los sempre com o mesmo nome, tive três ou quatro, todos os chamei “Bube”. Tão mansos, tão fiéis, tão cães.

Minha mãe criava porco, cevava-os para vender a um açougueiro amigo da gente. Eu buscava restos de comidas nas casas dos amigos, no mercado. Quando isso era pouco, buscava uma erva chamada bredo. Eles adoravam. Eu sabia que o dinheiro da venda ajudaria. Às vezes tinha preguiça, mas ia, era nosso código consuetudinário. Obediência, respeito aos pais. Quando chegava a época da venda, vinha uma carroça, o homem levava o porco. Adeus baier!!! Só vim compreender o valor tão insignificante em relação ao trabalho que dava criá-los, quando li “Vidas secas”. Minha mãe era um Fabiano.

Cheguei ao corredor lateral e toquei o muro de pedras. Um metro e meio de altura, só pedra e cimento. Acima é de tijolo e recente. Lembrei-me de Bertold Brecht, no poema “Perguntas de

um operário “No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde foram os seus pedreiros”? Não sei. Meus irmãos, eu e papai fomos os pedreiros dessa nossa amurada, a julgar pelo trabalho que tivemos, trazendo pedras de uma distância de, em média, dois quilômetros, sensibilizo-me pelos que trabalharam naquela murada chinesa.

Percurso o caminho de volta à sala, a cozinha, hoje ampliada, a sala de janta onde tantas vezes juntos celebramos a dádiva da família. Entro no quarto onde meu pai passou os últimos dias. Seu cheiro ainda está lá. Talvez, nunca saia. Na verdade, o cheiro está em mim. Nas lembranças. Na saudade.

Chego à sala de estar, fecho os olhos e vêm à tona outras lembranças: a primeira cerâmica, a primeira TV, o primeiro som. As redes à guisa de estância de romeiros. Por um instante penso que meus irmãos chegarão do Sul e novamente nos reuniremos ali, naquela sala apertada.

Saio da sala e chego ao terreiro. Olho as árvores, as barreiras que no inverno teimavam em descer até a porta. Essa rua nossa. Essa casa nossa. Essa vida nossa. Meu filho e minha filha chegam correndo. Eles não têm noção de tanta história, mas um dia eu lhes contarei.



---

## MARIA DA ETERNIDADE

Por acaso, chamaram-na Maria da Eternidade. Não se sabe ao certo o que deu causa à ideia de sua mãe batizá-la com este nome. O que se sabe, sem dúvida alguma, é que este ser que ali está, é proveniente de uma semente resistente que superara forte ameaça de aborto para vir ao mundo. Se espontâneo ou não, eis outra coisa que também não se sabe. O que todos sabiam e faziam questão de comentar em épocas remotas, era que não constava no registro de nascimento da criança que foi Maria o nome do seu progenitor. Fato que no passado era pano pra muito lençol de conversas.

Se pai é quem cria, eis um jargão que não se aplicou à pequena Maria. Por outro lado, quem não tem é quem mais tem. A constância, não sendo marca presente em sua progenitora, tantos foram os companheiros da mãe que a menina não se apegou a nenhum. Segundo a própria Dona Maria da Eternidade, sua infância foi de menina nobre, e estudou em escola boa. Contou

ainda que nas festinhas de pais, a cada ano aparecia um caractere diferente. Eram pais ADHOC, que de início não a afetaram.

Mas o tempo passa, e a sociedade corrompe o homem. Foi o que disse certo pensador de outro século. Pré-adolescente, sofrera os primeiros constrangimentos. Numa criança normal, deixaria marcas irreparáveis para toda a vida. E viver era o destino de Maria.

Adolescente, criara um casco duro, uma espécie de redoma para proteger o coração. Insensível? Talvez! O que Maria desenvolveu foi uma incrível capacidade de lidar com o sofrimento. Não bastasse a infância difícil e a pseudo presença paterna, aos quinze anos, Maria tem seu primeiro contato com aquela que seria sua grande companheira, e os versos fúnebres nunca mais deixariam de ecoar em sua mente. “Segura na mão de Deus”. Essa cena se repetiria na vida de Maria incontáveis vezes. Após a mãe, enterrou várias amigas, tios, tias, conhecidos, desconhecidos, inclusive a Dona Margarida, a professora preferida dos tempos de escola. Maria virou uma fissurada em velório e não perdia um enterro na cidade. Há quem diga que ela enterrara três gerações da pequena cidade.

O sino anuncia o adeus final. O choro desesperado ecoa dentro da capelinha. “No céu, no céu, com minha mãe estarei”. D Eternidade, como é chamada por todos, segue o cortejo até o leito derradeiro da amiga de setenta anos. Introduzido na cova o caixão, lentamente, ela pega a pá e como se invocasse todas as forças do mundo penetra o objeto no monte de barro solto e



começa a jogar sobre o caixão. Ela faz questão de fazer isso e o faz com tanto ímpeto como se a cada pá jogada na cova ela ganhasse mais um ano de vida. Cansada, entrega a pá a um homem ao lado e sai lentamente, percorrendo as alamedas, contrariamente a Eurídice, não olha para trás e segue até a capelinha. Lá, faz suas últimas preces e pega o caminho de volta para casa. Lentamente com seu guarda-chuva, xale, devagar e sempre. E por acaso, chamaram-na Maria da Eternidade.



---

PEQUENA CRÔNICA ONDE OS FATOS  
NÃO SÃO MERA COINCIDÊNCIA...

---



---

## NOVA DIALÉTICA

Após acalorada explanação sobre o capítulo quatro do livro didático, que tratava da terceira geração da poesia romântica, a chamada poesia social, o mestre, Martiniano Lunaticus, nome que lhe fora atribuído por seu pai, também mestre em Filosofia.

Verdade é, que o nosso herói, como incorporado pelo próprio poeta dos escravos, o ilustre filho de Curralinhos, numa eloquência verborrágica, indaga à turma que atenta o escutava:

- Alguma pergunta? Perguntem!!! Teçam suas considerações!!! Sapientíssimos!!! Levantem suas teses, antíteses; façamos nossa síntese sobre tão importante assunto das nossas letras!!!

Nesse momento, uma mão se ergue imponente no fundo da sala.

O nosso herói docente, à frente da turma, sorri satisfeito e emenda:

- Diga meu jovem, o que te provoca a sede do conhecimento, diga para que eu possa saciá-la!!!

Ao que o garoto com ar de discípulo socrático pergunta:

-Posso ir ao banheiro?!

---

## ÀS CRIANÇAS, COM CARINHO

Eu não poderia deixar as crianças sem as minhas considerações. Logo elas, com quem eu me identifico muito. Jesus disse, é o que revela a palavra santa, "Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim, pois delas é o Reino dos Céus". Por que eu esqueceria delas nesse dia tão especial? Eu que tenho dois filhos crianças e que um dia crescerão, tornar-se-ão adultos e aí já não poderei comemorar com eles. Logo eu que sou professor e tenho diariamente a companhia destas criaturinhas que sem serem aladas possuem a mesma singeleza de um anjo.

Eu não poderia fazer isso. Ao contrário, vou além das palavras sagradas, e vou até as crianças, nesse seu dia, e lhes parablenizo. Nessas minhas palavras que humildes, retratam a mais pura sinceridade da alma, porque também carrego uma alma de criança em mim, teimosa, que vê naquilo que é perigoso, subir em árvore, correr, pular nas caçadas, simples brincadeira, eu vejo apenas brinquedo.

Que essas minhas palavras ecoam, e transgredindo as barreiras sociais cheguem às crianças de todo o mundo: "teu é o reino do céu!" Ainda que as bombas que explodem diariamente no Oriente médio não cessem, "teu é o reino do céu!". Ainda que milhares de crianças passem fome todos os dias na África, "teu é o reino do céu!" Ainda que por todo o mundo crianças sejam violentadas pelas ações humanas dos adultos, "teu é o reino do céu!". Por mais que mães te abandonem ao nascer, "teu é o reino do céu!". Ainda que não haja escola para todas.

Esse meu desejo é pouco diante de tanta miséria contra a criança! Eu sei! E minhas forças são poucas. Minhas palavras são apenas palavras que soam bonitas neste dia da criança e talvez não façam fruto. Mas vêm da minha alma, que poeta, não deixa de se indignar diante de uma injustiça frente à criança.

Tudo nasce da capacidade de se indignar. E eu tento fazer a minha parte, amando-as, meus filhos, meus sobrinhos, meus afilhados, os filhos dos meus amigos, meus alunos, as crianças da minha rua, do meu bairro, da minha cidade. E aos poucos vou semeando essa cultura de amor! Crianças, "delas é o reino do céu!".

Enquanto a mudança boa não chega para as crianças, devemos acreditar verdadeiramente na palavra de Deus. Só nos resta acreditar. E ai quando chegar o fim de tudo. O juízo final, e se conseguirmos chegar ao céu, poderemos contemplá-las no imenso playground, com milhares de campinhos de futebol, parquinhos de diversão com milhares de brinquedos e livros infantis espalhados por tudo que é canto, e as crianças lendo,



brincando e jogando futebol, gordinhas, saudáveis e sorridentes.  
Acreditemos nas palavras santas. Só nos resta a fé!!!



---

## O CELULAR

Você já parou pra pensar sobre a importância do celular na sua vida? Ou na influência negativa ou positiva que ele exerce sobre você? Eu andei matutando nesses últimos dias e acabei abrindo mão de parte da minha opinião formada sobre esse aparelho tão sedutor. Como se opinião fosse um bolo que você parte. Mas foi isso mesmo. Claro que me explico!

Sempre fui muito conservador em relação a esses aparelhos. Tive meu primeiro celular em 2006 e o perdi numa situação muito triste em que prefiro não entrar em detalhes. Mas, comprei outro, um pouco mais moderno e quando já estava me acostumando à sua modernidade, estava numa atividade da escola de meu filho, eu o acompanhava numa corrida de bicicletas, e então na corrida, o danado caiu do meu bolso.

Pela segunda vez tive uma grande decepção. O que diferencia da primeira perda é que agora posso contar, há o

pecado e o pecador eu nem sei quem é, melhor assim. Minha decepção dessa segunda vez foi o próximo. Eu que acredito que as pessoas são, a priori, boas, vi-me desapontado quando liguei pra meu celular, que a esta altura já não era tão meu, um voz atende e se prontifica a me ouvir:

- Alô, quem fala?

- Aqui é o dono do celular, esse que a Senhora tem, pois é, perdi lá no parque de exposições. Tem como a senhora me devolver, eu te gratifico!? Não teve. Pior, ainda o usa até hoje, eu acho.

Assim foi e segui minha saga com meus celulares, o terceiro que possuí, fui eu mesmo que o abandonei, quando o comprei já veio com defeito, garantia de cinco dias. Cinco dias só duram muito quando você está trabalhando, pra garantia passaram tão rápidos que nem percebi. Quando percebi o defeito, já era tarde. Pra garantia do fabricante, só comprando uma briga grande como o deus crono e auxiliado pelo Decon. Não fui e não me arrependo.

O quarto, passei bons cinco meses, era um dual, sabe aqueles que você coloca dois chips e pensa que vai se dar bem na fita? Não, comigo não deu certo. Eu ligava do Tim pra um claro e do Claro pra um Tim. Resultado: os créditos voavam, e eu ficava sem entender por que as promoções não davam certo comigo. Verdade é que dessa vez não sofri muito, estaria eu calejado? Ao subir numa moto, acredito que o danado saltou do pequeno bolso

da calça que com o movimento para subir na moto acabei suspendendo e o celular foi por terra abaixo.

Tive tanta raiva que dois dias depois comprei outro, sem dual chip, comunhão, mas tinha câmera e bluetooth. Mas foi barato. Até fiquei meio desconfiado pelo preço. Nem imaginava que dali a exatos oito dias, eu o perderia nas mesmas condições que perdi o quarto. Resultado: procurei aquele que dispensei no parágrafo acima, o terceiro, vamos passando, eu aceito o seu defeito e ele tá lá muito bem.

Foi então que descobri que o valor de um celular não reside nas cifras que você paga por ele. Também não reside nos números que tem na sua agenda, como acreditava desde que li “O caderninho azul” do mestre Rubem Braga. O valor do celular está naquele número que você não tem, na agenda dele, meu amigo. É ali que reside a verdadeira importância do seu celular! Aquele número que faz você tremer nas bases, como a pessoa errada de Luiz Fernando Veríssimo.

Não importa se I100, V3, Galaxi Samsung duos ou Iphone, ou seja lá que for, o que importa é que quando ele toque e seja aquele número que você tanto deseja, você atenda, e atenda com tanta satisfação que o valor do seu celular e suas funções possam se resumir apenas à precisão da voz da pessoa que está te ligando. Não importa o motivo da ligação, se um emprego, uma aprovação no vestibular ou se a pessoa errada de Veríssimo resolveu aparecer em sua vida. O que importa é que ele funcione.

Eu vou seguindo com meus celulares. Tendo aborrecimentos, é claro. Mas sempre à espera da ligação daquele número que não tem na agenda!

---

## INFÂNCIA

Está chegando o dia das crianças. E o que se vê no *Facebook* são postagens de muita gente quando criança. Confesso que, ao mesmo tempo que achei bonito, também senti certo ciúme. Não tenho foto do meu tempo de criança. Mas tenho uma memória de elefante. E vendo estas fotos, comecei a lembrar do meu tempo de criança.

Nada de videogame, nada de computador, bicicleta ou celulares com jogos e tudo mais. O que havia na minha época era infância. E infância implica brincadeiras, e não eram poucas. Estudávamos a maioria pela manhã, e à tarde o futebol de poeira era a brincadeira certa todos os dias. O campo do Barreirão, como chamávamos, o racha dos cabinhas pequenos era de duas horas às quatro e meia quando começava o racha dos grandes.

Não obstante o sol escaldante da tarde, o futebol era nossa maior diversão. Aproveito aqui para fazer um pequeno

reconhecimento: “a bola é o melhor brinquedo que um pai pode dá ao filho”. Por quê? Ora, nenhum brinquedo une tanta simplicidade e tanta capacidade de fazer tanta criança ficar junta e feliz. Ao contrário das bicicletas que apenas um de cada vez pode andar. Ou do moderno videogame, que reúne no máximo dois. A bola vence de lavada.

Naquela época nossas noites eram marcadas pela famosa brincadeira do pega-pega. Se é verdade que as brincadeiras influenciam a nossa vida de adulto, porque melhoram nossa coordenação motora e desenvolve nossas habilidades, concordo perfeitamente. Nas nossas brincadeiras sempre fui muito bom. Verdade é que de tanto correr, eu desenvolvi uma habilidade muito boa, a velocidade e a capacidade de me livrar de problemas. Eu corria muito. De tal forma que, certa vez, assistindo ao filme “Forrest Gump, o contador de histórias” lembrei-me da nossa brincadeira, o pega-pega: “Corre Forrest!”.

Havia também outras brincadeiras, todas sazonais. Brincávamos de pião em certa época do ano, o famoso boi de bico ou pião na roda. Flavinho, o aleijado era fera! Outra época era o tempo da bila, que o pessoal do sul chama de bolinha de gude, o danado do moleque era, como dizíamos: Um rato! –Bila ou búrea e um dos dois! E saía trelando a turma. Havia outras cabinhas certos: Cicinho, meu irmão, Carlo de Sônia, até o pequeno Babidu! Eu nunca fui bom de bila!

No tempo da pipa, ou papagaio, mais ou menos mês de julho, agosto, tempo dos grandes ventos, o céu ficava mais



bonito, o colorido das pipas, bandeirolas de São João em voo livre. Nunca aprendi fazer uma pipa que preste. De tal forma que, hoje em dia, quando meu filho me pede uma pipa, eu pago aos cabinhas para fazer. No nosso tempo não havia competição de pipas. Soltá-las era um prazer! Perdê-la quando a linha torava, uma tristeza. Hoje os cabinhas pegam duelos, vão desbicando suas pipas com cerol até derrubar a outra do amigo. Vejo os moleques correndo, quem pegar vira o dono. Confesso que não gosto. Para mim lugar de pipa é no céu, voando como gaviões feitos pelos cabinhas.

Algumas brincadeiras noturnas eram muito boas, mas com um certo teor de violência. Seus nomes são autoexplicativos: cinturão queimado, vassoura quente. Os objetos que davam nome às brincadeiras eram escondidos, todos íamos procurá-los. Quem os encontrasse saía batendo em quem pegasse. Havia um ponto em comum onde todos os outros meninos eram obrigados a chegar sob a pena de não realizando apanhar muito. Brincadeira assim, durante o dia, só a do palito que era fixado num monte de areia. Íamos retirando a areia do seu pé, devagarzinho, quem por imperícia ou imprudência derrubasse era obrigado a correr até a outra trave, todo o percurso era feito sob a ameaça de tapas dos colegas. Violência à parte, a gente se divertia muito!

Havia certos divertimentos, que não eram propriamente brincadeiras. Talvez porque o produto de tais diversões em tantos lares da nossa turma servia como complemento para o jantar e o almoço. Falo das caçadas de baladeira e das pescarias. Muitas vezes eram realizadas por nós simultaneamente. O cafundó era o nosso rio preferido. Além dos bagres e piabas que pescávamos nas

suas águas, às suas margens tinha umas árvores que chamávamos “pé de espera!”. Nelas, os passarinhos vinham se alimentar e nós, que naquela época não tínhamos noção de consciência ambiental, meninos certos, dizimava-os sem nenhum pudor.

Nessas pescarias e caçadas, ainda tinha o banho no rio: poço do cipó, poço do canudo, poço da barreira! Hoje esses lugares e essas brincadeiras são apenas lembranças guardadas na cabeça de tantos adultos de hoje na nossa comunidade. São relíquias do nosso tempo de infância. Histórias que tenho certeza, muitos já contaram aos seus filhos, outros ainda contarão, talvez haja alguns que tenha vergonha. Mas uma coisa é certa: como um pai que leva os filhos a um Shopping no dia das crianças e compra o presente como se fosse para ele mesmo. Assim também nós contamos essas histórias a nossos pequenos, e rimos, porque no fundo no fundo, nós estamos contando é para nós mesmos.

---

## MANHÃ DE SÁBADO SEM TRABALHO

Nesta manhã ensolarada de sábado, acordei como se fosse dia normal de trabalho, mas não era! E como uma criança que acorda no domingo pensando que tem aula e em seguida descobre que é domingo, fiquei feliz!!!

Assim deveria ser vista a felicidade em nossas vidas, a felicidade deveria custar pouco, nada de automóvel, nada de muita curtição, nada de sofisticação; a felicidade deveria nos surpreender diariamente em retalhos pequenos e coloridos, e aí, quando chegasse o fim dos nossos dias nesse plano; faríamos a passagem satisfeitos por dois motivos: porque fomos felizes e porque deixaríamos um enorme lençol colorido para aqueles que têm frio e necessitam desse calor!

E todos dirão numa boca só: puxa vida, como ele foi feliz!



---

## UMA DE ESCOLA

Segunda-feira, à noite, aula de Português, debate acirrado sobre um texto de Veríssimo. Mas a discussão descamba pras personalidades do senso comum. Acabei entrando na onda da turma e aceita a discussão, fui perguntado por uma aluna:

- O que o Senhor faria se soubesse que morreria amanhã?

Diante de tal pergunta, que para a aluna era filosófica, inicialmente fiquei, como se diz, cabreiro! Pedi mais um tempo, um mês, sei lá, um ano seria melhor! 50 anos? Maravilhosos!!! Não aceitou.

- Assim não vale, tem que ser um dia apenas!

- Sem possibilidades, respondi que iria pra casa e ficaria com minha família: meus filhos, minha mãe, meus irmãos!

- Tá vendo!!! Falou a aluna chocada com o que constatava ao seu bel-prazer.

- O senhor não pensou nos outros, em quem estivesse precisando de ajuda!

Respondi-lhe que não entendia assim, já que tinha descoberto que tinha apenas 24 horas de vida e não que tinha ganhado na Mega-sena. E disse mais, eu tinha pensado sim, nos outros, por isso escolhi ficar com eles, especialmente meus filhos, os quais são a maior herança que deixaria para o mundo, e também tinha que acalmar minha mãe, pediria perdão por estar contrariando a lei natural partindo antes dela, aos meus irmãos, agradeceria pela companhia que muitas vezes me fez sentir-me um líder, em outras tantas um amigo fiel.

Às minhas tias e tio, fazê-los entender que suas bênçãos realmente me fizeram bem, por isso pedia tanto!

-O senhor deve estar brincando! - Disse-me ela!

Respondi-lhe que não e que nós não devemos mensurar nem julgar as pessoas pelo que somos! Realmente não faria outra coisa, não tenho com o que me preocupar, não tenho apego a bens materiais, e sempre dividi o pouco que consegui com quem percebi que estava precisando em algum momento. Estou tranquilo comigo mesmo e mesmo não tendo certeza de que minhas ações são corretas, eu as concebo assim e aguardo o julgador supremo, se assim for estarei bem com ele, se não, devo pagar alguns anos no limbo, sei lá!

Verdade é que dessa conversa me deu uma vontade danada de escrever, as pessoas não têm escrito muito, já eu, aproveito toda desculpa pra fazê-lo! É isso! Tocou pro intervalo!!! Fui!!!





---

## É TRISTE

É triste! Quantas vezes você não ouviu essa frase ser dita por alguém? Normalmente as circunstâncias em que ela é feita envolvem coisas em que verdadeiramente não faz nenhum sentido a frase.

Mas o que será que realmente é triste? Quem sabe um país onde pelo menos 70% dos seus estudantes do ensino regular, do ensino fundamental ao médio sejam analfabetos funcionais? Ou um país onde boa parte dos policiais são corruptos ou tem que fazer os "zigs" para ganhar um extra?

Não, triste mesmo é o fato de adolescentes, no país todo, razoavelmente bem abastados desfazerem-se dos investimentos que seus pais, a duras penas, fazem, pagando escolas particulares, e não lhes darem o retorno devido.

Ou será que triste é um país onde as políticas sociais paliativas passam a ser perenes e acabam virando a esmola de todos os meses? Quem sabe, não é o país que tendo médico bastante, tenha que importar médicos de outros países, simplesmente porque seus médicos se recusam a atender a quem mais precisa, e depois vem um governante que manda esses médicos embora?

Ou triste é um país que investe trilhões na construção de equipamentos que não contribuirão em nada para mudar as outras coisas tristes? Tudo isso é muito triste. Mas são coisas tristes consequências!

Porque triste mesmo é um país que tem um sistema de poderes triparte, "in"dependentes e harmônicos, aliás, muito harmônicos, harmonicíssimos! Onde legisladores são julgados pelo judiciário que é escolhido pelo executivo que pra governar precisa de contrapartidas do legislativo e assim, numa jornada cíclica, vão postergando essa mácula que se chama corrupção. Isso sim, é muito triste. Que país é esse?

---

## MAIS UMA DE ESCOLA

Você lembra da história do Monge e dos discípulos que iam por uma estrada e viram um escorpião sendo arrastado pelas águas? Então! O monge correu pela margem do rio, meteu-se na água e tomou o bichinho na mão. Quando o trazia para fora, o bichinho o picou e, devido à dor, o homem deixou-o cair novamente no rio. Mas de novo, o monge voltou à margem tomou um ramo de árvore, entrou no rio, colheu o escorpião e o salvou. Voltou o monge e juntou-se aos discípulos na estrada. Eles haviam assistido à cena e o receberam perplexos e penalizados.

- Mestre, deve estar doendo muito! Por que foi salvar esse bicho ruim e venenoso? Que se afogasse! Seria um a menos! Veja como ele respondeu à sua ajuda! Picou a mão que o salvara! Não merecia sua compaixão! O monge ouviu tranquilamente os comentários e respondeu:

- Ele agiu conforme sua natureza, e eu de acordo com a minha."

Esta parábola nos faz refletir a forma de melhor compreender e aceitar as pessoas com que nos relacionamos. Não podemos e nem temos o direito de mudar o outro, mas podemos melhorar nossas próprias reações e atitudes, sabendo que cada um dá o que tem e o que pode.

Devemos fazer a nossa parte com muito amor e respeito ao próximo. Cada qual conforme sua natureza, e não conforme a do outro. Como professor que tenho sido até hoje; não encontrei melhor forma de ser eficaz. E assim sendo, tenho ao longo dessa estrada tortuosa e cheia de buracos que é a Educação, obtido certo êxito.

Não agradamos a todos, é bem verdade! Mas fazendo o que é certo sempre, vendo possibilidades e compreendendo a diversidade de natureza de nossos alunos, aos poucos, tenho conseguido despertar neles algum sentido nas nossas práticas. Ouvindo um incentivo ali, um elogio acolá! E disso temos vivido, pois nem só de seu salário vive um professor; mas também dos afetos e respeito que vez por outra é demonstrado por alguns alunos.

Mas, nessa luta diária, às vezes sofremos baques! Não bastassem as adversidades históricas, ainda somos alvos de certas agressões, que embora não físicas, nos abalam e nos machucam. Sim! Machuca! Os professores não somos heróis como os do

cinema. Inabaláveis, indestrutíveis!

Aliás, aqueles que deveriam enxergar um herói no professor, têm enxergado um vilão! Estaremos falhando em nossas práticas? Ou simplesmente nossos alunos se encontram tão alienados que chegaram ao ponto de não enxergar o verdadeiro inimigo? Sinceramente, não sei! E mesmo com o coração machucado, vou continuar! Tirando água de pedra, num milagre diário! Nunca nivelando por baixo! Nunca dando pérolas a porcos! Como semeador que saiu a semear, vou eu e sei que parte da semente cairá em boa terra e produzirá por dez, por trinta, por cem, por mil! No final se edificará o que é bom! Afinal, sou professor e tenho que professar o meu ofício!!!



---

## MEU NOVO VISUAL E A DESCULPA

O cabelo humano aparenta ter se tornado, com a passagem do tempo, uma espécie de acessório do corpo humano. Mas, não é apenas isso! “Os cabelos conservam a função fundamental de emoldurar o rosto, servindo como cartão de apresentação pessoal de cada indivíduo.”

Através de diferentes formas de penteados, nossos cabelos nos permitem uma mudança em nosso aspecto aparente. Um corte ou um penteado errado podem virar uma tragédia. Há quem diga que um erro grotesco cometido por um cabeleireiro é crime de negligência, inafiançável.

O “corte” permite ao ser humano comum, afirmar as suas próprias raízes, o sexo, o credo religioso, além do desafio aos professores, fazer novos amigos, provocar um escândalo, encontrar a alma gêmea, opor-se às convenções sociais e até mesmo ser posto para fora do emprego... “Todos os povos da

Terra, em todas as épocas, foram marcados por complexos códigos de penteados variados com a tarefa de exprimir cada etapa de suas vidas, bem como, comunicar aos demais os seus respectivos papéis, seus status e as suas identidades culturais.”

Você pode até dizer:

- Mas por que tudo isso? Ora, não faz 24 horas que resolvi inovar meu penteado, perdão, não há mais penteado, passo a mão na cabeça e pronto! Então! Mudei geral, mandei ver na máquina 2 e retirei aqueles cabelos que dissimulavam uma cabeleira, pois é! Deu o maior bafafá! Ninguém gostou, assim também como ninguém perguntou o motivo de tal atitude, todos julgaram, aliás não julgaram, condenaram. Mas como no Brasil, nem toda condenação funciona, não haverá pena.

E agora resolvi falar dos cabelos. Ora, na idade média os monges Franciscanos resolveram tirar as cabeleiras demonstrando humildade, muitos até se desfizeram das suas riquezas, Francisco que o diga. Já na época iluminista, na Europa, especificamente na França, as falsas cabeleiras, as perucas, aquelas perucas loiras, cacheadas, é, elas mesmas significavam poder, e muitos ostentaram perucas com cabeleira vastíssimas, sendo carecas.

O tempo passou, e vieram outros penteados marcantes, desde os reluzentes à Elvis Presley passando pelos famosos Black Power americanos, o capacete do Junior do Flamengo nos anos 70 e 80 era massa, depois o famoso e fugaz Cascão de Ronaldo



fenômeno, até o ridículo moicano do Neymar, todos muito comentados em suas épocas, assim como o meu.

Não houve mídia, mas houve burburinhos, uns acharam feio, outros horríveis, minha mãe comparou com um cara desprovido de beleza, meu irmão me chamou de Paraíba. A esposa não gostou, meu filho disse "Horrível, painha!" Minha pequena filha chorou. Mas nenhum foi hipócrita. Aceitaram. No fim ficou tudo bem. Com o tempo os exigentes se acostumam!!! E tudo é motivo pra gente escrever!!! Taí!



---

## A ORIGEM DO HIPERTEXTO É NO SERTÃO

Hipertexto “é o termo que remete a um texto em formato digital, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links.”

Pode ir lá no Wikipédia, qualquer pessoa vai entender. Agora o que muita gente não compreenderá, especialmente os mais estruturalistas, tradicionalistas, pragmáticos etc e tal, é que tudo isso nasceu no Sertão, nas quebradas, na linguagem sertaneja.

Vejamos, quando se chega em qualquer povoado do Sertão, numa conversa qualquer entre os habitantes de nossa região, o que se ouve são diálogos do tipo:

- Zé, você conhece Chico?
- Que Chico? Chico de Zefinha?
- Não! Chico de Zabé, filha de Toin dos bodes, o machante!
- Ah! Sei, não é aquele que trabaiava com o coronel Doca?
- Coronel Doca do ingein véi?
- Não, aquele que mandou matar os trabaiadô no eito com medo de perder as terras!
- Perder as terras?
- É, você não lembra? O pessoal parou de trabaiá na vacaria e resorvero montá barraca na prantação de capim, aí o coroné mandou chamá o jagunço Pedrão, que vivia com aquela mulher que enviuvou de Zé barbeiro que o Pedrão mermo matou!
- Ah! Lembro! Desse Pedrão aí, né o que é primo do Zé Costino?
- Sim, Zé Costino, coitado, que teve a família toda dizimada no Sertão dos Apodis,
- Apodi do Rio grande?
- Sim! Soube que a seca de lá foi a mais terríve, o povo vinha direto pras terras do meu padim pade Ciço, padroeiro do Sertanejo. Juazeiro da romaria de Nossa Senhora das Dores.
- Ô Juazeiro quente danado!
- Mas me diz: Esse Chico aí que você fala é o que tem um irmão chamado Ciço?
- É ele mermo!
- Sei! - O que teve com ele?
- Nada! Era só pra saber se tu conhecia!!!

---

## CONVERSA COM QUEM ENTENDE DE POESIA

Certo poeta que não me lembro o nome, sei que era poeta, falou que "poesia mesmo quem faz são as crianças". Mas não de maneira planejada, limando as palavras como propunham os Parnasianos, ou recolhendo palavras já feitas como receitava certo poema Dadaísta.

A poesia nas crianças nasce simples, junto com a fala, e se tem ritmo? É lógico que sim! Mas principalmente, tem magia! Não é como o lirismo calculado dos poetas de academia, perdoem-me, meus companheiros, a indiscrição e a modéstia, os poetas acadêmicos somos arquitetos racionais: A poesia da criança emana do ilogismo, não o forçado dos que se intitulam surreais, aliás, a poesia infantil não precisa dessa titulação, ela é e pronto! Porque é próprio da criança a inexplicabilidade de sua linguagem, seus neologismos estruturais e semânticos.

Para os mais sensíveis, perceber tais belezas nas crianças e

sua fala não é difícil, para os demais é irrelevante, eles não entendem. Agora, além do lirismo belíssimo das falas infantis, perceber a catarse em seus discursos pueris é algo que exige muita atenção, e todos sabemos que atenção nesse aspecto não é algo que dispensamos a elas, e quando o fazemos é na busca de compreender algo muito pragmático, o qual elas muitas vezes não nos dão, não é próprio delas a exatidão.

Dito isto, não tenciono nem uma reflexão! Mas apenas reconhecer nesses seres pequenos e amáveis a sua capacidade, por mim, nunca antes percebida tão claramente. Esclareço: outro dia em sala de aula com uma turma de crianças, quase pré-adolescentes, que ainda contém uma inocência nas suas falas, não obstante suas sabedorias.

Pois bem, nessa sala onde estavam pouco mais de vinte alunos, havia um garotinho de nome Rodrigo Sant`Ângelo, garoto esperto e de semblante, embora um pouco triste, muito falador, na melhor acepção dessa palavra "falador" no âmbito escolar. Esse garoto pra tudo tem seus comentários, em geral, coerentes, algumas vezes, engraçados, outras desconexos. Foi desse ser, que desprezioso e sincero, recebi uma bela lição de aprendizagem sobre o discurso na fala infantil. Eles não são apenas poetas com seu lirismo hedonístico, sua Poesia também possui uma certa dose de catarse sim, a julgar pelo comentário desse meu amiguinho.

Mas o que ele falou de tão interessante assim? Poderão me perguntar! Ora! Debatíamos na aula possíveis leituras para o

poema "O medo" que Drummond dialoga com belo artigo do crítico literário Antonio Cândido. Nesse poema havia os seguintes versos:

"Em verdade temos medo.  
Nascemos no escuro.  
As existências são poucas;  
Carteiro, ditador, soldado.  
Nosso destino, incompleto.

Levantada a discussão sobre o que a palavra "carteiro" fazia ao lado das palavras "ditador e soldado", achei por bem expor meu ponto de vista como professor:

- Pessoal, o carteiro é uma das figuras mais poéticas que tenho visto! Para credenciar meu pensamento recitei uns versinhos do tempo em que eu fazia o ensino fundamental, lá na escola Dom Quintino: "O carteiro trazia alegre notícia, a chegada da vovó". Não lembrei mais de nada além desses pequenos versos, mas citei Neruda " O carteiro e o poeta", e o debate seguia. Foi aí que o meu crítico mirim se contrapôs, levantou o dedinho numa questão de ordem e falou:

- Professor, era assim no tempo do senhor! As crianças têm um jeito engraçado de medir o tempo, pra eles, eu sou um senhor de idade! e continuou: - Os carteiros de hoje não são tão poéticos, eles só trazem contas a pagar!

Nesse momento, diante de tanta percepção da realidade, elogiei-o pelo posicionamento, logo em seguida, tocou. Ainda bem, não saberia mais o que dizer diante de tal colocação, onde vi um garotinho de pouco mais de dez anos, eu acho, destilar na sua falinha poética, tanta catarse, e verdade. E assim que nasceu esse texto, e eu o dedico ao meu pequeno amigo Rodrigo Sant'Ângelo!



---

## A FLOR A QUE DRUMMOND SE REFERIA RENASCE SEMPRE EM MEIO AO CAOS

Se é fato que a humanidade de tempos em tempos enfrenta situações de caos extremo, além do caos estrutural de todos os dias, também é verdadeiro que a solidariedade e o altruísmo, verdadeiras marcas do amor ao próximo se manifestam na maneira mais pura: desinteressada.

Essas atitudes anônimas ocorrem diariamente em todo mundo, embora apenas algumas sejam noticiadas. É o certo, o bem deve ser algo que deve ser naturalizado pela humanidade. Porém, em tempos de caos, como a tragédia em que vivemos com esta pandemia, onde houver atitudes de amor, devem ser levadas a todos, porque nelas residem a esperança de que iremos atravessar essa turbulência.

É preciso noticiar sim, que um senhor de 87 anos, na Índia, cedeu seu lugar no hospital a um jovem, que segundo ele, merecia viver porque ainda havia muito a se fazer, e ele, o senhor, já havia

feito a sua parte. Se assim ocorreu, foi o homem octogenário que escolheu, foi decisão sua, não do presidente da Índia, não dos médicos.

No interior de São Paulo, um jovem médico tratou e ajudou na recuperação de sua antiga professora do primário, ele a esperou acordar do coma, e fez questão de dividir com ela seus primeiros momentos pós quase encontro com a morte. É o trabalho dele cuidar de qualquer paciente, mas reside neste ato a concentração do que de mais importante deve haver na medicina, o afeto do cuidar, e descobrimos em meio a este caos, que enfermeiros e médicos em todo o mundo descobriram que a melhor vacina é o amor ao próximo, porque literalmente muitos profissionais de saúde se colocaram no lugar do paciente.

Uma jovem recém formada, resolveu ministrar aulas de reforço em sua comunidade, gratuitamente. Respeitando os limites que garantam a segurança de todos. Desempregada, foi a razão que ela encontrou para enfrentar a dificuldade do tempo.

Poetas em todo o Brasil resolveram, através das redes sociais, levar à poesia ao povo que enclausurado em casa, buscavam formas de descontração, eles, os poetas deixam em seus versos mensagens de otimismo e protestos também.

Aliás, a Arte de maneira geral sofreu muito desde o início da Pandemia, entretanto, à medida que o tempo foi passando, os segmentos foram ganhando espaço na redes sociais, e mesmo com o abandono do governo, na assistência aos artistas, eles não

abriram mão de seu compromisso de levar a Arte ao povo, exposições virtuais de artes plásticas, lives de shows, peças de teatro, contações de história. O mundo da Arte agonizava mas o show não parou.

Professores se virando nos trinta em meio à perseguição e acusações de que não querem trabalhar, contudo, as aulas nunca pararam, cada um investindo mais de seu tempo, e de seu pouco dinheiro, para tentar melhorar as aulas. A jornada agora não tem limites. É a qualquer hora.

Um padre vai contra o sistema e se torna voz dos moradores de rua na grande Metrópole do país. Enfrenta acusações, mas segue firme em seus propósitos de que todos merecem dignidade.

Inúmeros outros casos serviriam de exemplo a essa forma de amor que vai de encontro ao modelo imposto pelo capitalismo. O amor do desapego, o amor de quem divide o pouco, não obstante o caos, as flores insistem em nascer no asfalto, em cada atitude desinteressada de amor ao próximo.

Em meio a tudo isso, todos precisamos sobreviver, um poeta vende seus livros anunciando aos amigos no Brasil todo, no mesmo anúncio em que critica o descaso político com os pequenos. Uma professora faz pão com poesia, e essa mistura alimenta corpo e alma ao mesmo tempo. Em tempos de caos, o bem e a coragem se agigantam e a gente compreende que ainda vale a pena viver.



---

## DEVERAS

O senhor deve saber o que é a vida. E das coisas que ela nos desvela com seus despautérios indeléveis. Sabedor dessas coisas que todos deveriam saber, desde pirrototinho, eu aprendi cedo, e cedo compreendendo, também fui pegando as varedas e desvios desses percalços que deixa qualquer um sem pai, sem mãe. O senhor vai entender.

Pois bem. Aconteceu de eu muito cedo, achar de me envolver com uma tal de Maria Calamidade, mulher fogosa de seus trinta e poucos anos. Na vida, sabedora de muita coisa, na arte de fazer um caba véi se arrombar era mestra. E não pensava nem metade de uma vez pra realizar o malintento. De maneira que eu sendo ainda molecote, sem experiência, achei de me envolver com essa tal. De primeiro se falava que ela puxara a mãe. Também desse naipo de gente que faz homem besta sofrer. O senhor deve de saber algo sobre.

Eu nem liguei, tava tendo o que todo rapazote de 18 anos desejava. E barato! Achava eu. Mas certas pagas não se medem com dinheiro. E o preço que paguei foi deveras alto. Trabalhadorzinho que eu era, não via nada demais sustentar a mulher que me proporcionava tais lições. Foi coisa de dois meses pra ela me pegar de jeito. De início atenciosa e dedicada. Na cama não me dava espaço nem sossego, e o viço que é natural em árvore nova, todas as noites fazia o tronco da minha mostrar-se mais firme. O senhor me perdoe a maledicência.

Fui conquistado. Ou melhor, pensava ter conquistado a condição de senhor daquela sesmaria. E todas as atenções eram pra mim. De forma que passei a ser o Senhor em poucos dias. De mim emanavam as vontades. E a danada também era o demônio na cozinha. E tão bem entendia de me fazer satisfeito com sua guloseimas que entendi estar eu no paraíso. Carinhosa, como uma mãe, cozinheira como uma tia Anastácia, na cama, uma mãe de Pantana. O que eu ia querer mais? O Senhor entende?

Mas a salve rainha nos diz claramente e muito atento é quem desvenda as entrelinhas da oração, no início é “vida doçura esperança a nossa salve” e nos derradeiros “a vós suspirando gemendo e chorando nesse vale de lágrimas”. Parece anedota, mas é o que se diz por entre os povos de todo canto, desses confins do pé de serra ao sertão, de todo o tempo percorrido desde os princípios antes do pai do pai do meu pai, até aqui nessa nossa prosa. O senhor acredita nisso!?

Então, nos meses que antecederam os meus suspiros,

gemidos e choro, me deitei em cama boa. E a minha vida era um doce que me alimentava as esperanças de um amanhã safroso. Achei de sonhar com uma casinha bonita com um terreirão barrido com cacho de coco morondongo sem fruto. Uma beleza! E as crianças correndo, brincando de tudo que é arte. Sonhei com crianças arteiras. Ora! Fui eu menino arteiro nos meus tempos de pirrototinho. Meu pai dizia aos amigos que eu era menino travesso. Na raiva entonava a voz diferente e dizia: “esse menino num vale merda!”. Pois bem, esse meu sonho de ser pai, e essa casa dos meus sonhos com terreiro barrido foi mais que suficiente para provocar a mudança. Trágica mudança em Maria. O senhor há de me entender.

Maria apesar de seus dotes culinários e sua organização em casa sempre arrumadinha, não nascera pra ser mãe. O que ela queria é ser Senhora. Não senhora por ser casada, que matrimônio não era da lista de exigência de Maria. Queria ser Senhora de mim. Que menina que nada. Desde o dia que contei a Maria das minhas vontades, esta mulher deu um sobressalto e me gritou uns descabros! Que não era mulher praquilo, que não nascera pra ter menino que nem mulher de agregado, que estava naquela idade sem ter um filho, estava implícito que era porque não desejava. O senhor acha que eu deveria sustentar aquela ideia?

Eu também não! Não falei nada! Até já tinha desistido. Mas tive que pagar preço alto pelo meu sonho. Aliás, por ter dito. Um adágio jurisprudente que ouvi do Dr. Daniel Costa diz que pensamento não é crime. Concluí por minha conta e risco que

sonho também não era. E não era mesmo. Muito tempo depois o Dr. Costa me disse que pensar não, mas se falar, a depender do que seja, passa a ser crime. De forma que meu crime foi ter anunciado aquele meu sonho. O que me diz?

Pois é! De uma só vez tornei-me um criminoso e perdi a Maria! Se passar um sem número de noites sem dormir direito for pena para criminoso, essa foi a minha pena. Não dormia. Pior! Maria deixou de ser pra mim tudo aquilo que a fazia a mulher perfeita para qualquer homem nessa terra. Carinhos não tinha mais. Cozinhar nem pra ver. Quando inventava fazia qualquer manzape que desagradava ao mais faminto dos seres sobre este sertão. E a gente sabe que fome é o tempero do faminto. Nem é preciso falar que perdi aquela mulher fogosa de outrora. Perdi perdendo. O senhor me acredita nisso!?

A mudança foi de maneira que a minha vida desandou. Não deixei de trabalhar porque não era do meu feitio, na minha família desgosto é motivo pra tudo, mas trabalhar é obrigação de quem tem moral. Era o que dizia meu velho pai. E eu passava o dia na lida pesada. E se antes desejava o fim do cerão pra ir pra casa ficar com Maria e comer aquele baião de dois com um toicinho torrado em riba. Agora, por mim um dia podia ter três tardes seguidas que era eu indiferente. Imagine o Senhor!

Mas há males que vêm pra bem. Não é isso? Aquela mudança em Maria me fez trabalhar que nem escravo colonial. E como não tinha ânimo pra procurar farras ou diversão, acabei por economizar um dinheiro bom. Que banco que nada!!! Meu



dinheiro era guardado aos cuidados de Maria. E como tinha eu o intento de reconquistá-la, achei que confiando-lhe os meus numerários, haveria de tê-la de volta. O Senhor acha que fiz certo!?

Pois não fiz. Explico. Ao cabo de quase um ano depois daquela conversa que me atrapalhou a vida, Nada mudou. Maria era a mesma de depois da conversa. E reprimia minha falta trabalhando como condenado. Como disse antes, acumulei um dinheiro até bom. Maria era a guardadora desses frutos do meu esforço compensatório. Certo dia, era mês de agosto. Ô meisinho danado! Não é à toa que dizem que é o mês dos gostos e dos desgostos. O Senhor me acredita que chegando eu à boquinha da noite em casa, achei tudo calmo, luzes apagadas, tudo arrumadinho. Procurei Maria pelos vãos da casa, sai pela cozinha, no fogão que ainda subia uma fumaçazinha de brasa de lenha, misturada a um cheiro de bode cozido que eu gostava, uma panela de baião de dois com pequi e queijo. Fui até o quintal, e nada da mulher. O que o Senhor pensaria?

Eu também pensei isso. Minha Maria voltara. E deixara tudo no jeito. Casa arrumada como há muito não se via. Comida cheirosa. Até a marmita de café ao lado com água pronta pra ir ao fogo que só gosto de café quentinho feito na hora. E eu haveria de pensar outra coisa. Se o quarto tava no jeito. A cama arrumadinha. Ôxe! Eu fiquei foi muito do feliz. E corri até o riachinho, pensando na sem vergonhice toda do mundo se Maria tivesse por lá. Fui aos pulos. Dei com os burro n`água, literalmente. Ela não tava lá. Mas me deixou uma pista de que a

noite parece que ia ser inesquecível. O que o senhor pensaria?

Isso mesmo! Tomei um banho caprichado. Lembrei até dos banhos que tomava quando criança sob a observância de minha mãe. Passa a bucha de melão nas costas, esfrega aqui, esfrega ali, esfrega os pés na pedra. Peguei o sabonete que deixo sempre escondido numa moita de cidreira braba. Sabonete que trouxe da rua outro dia, um pra eu e cinco pra Maria. Maria era muito asseada. Tomava três quatro banhos por dia. Tomei banho como um noivo que à noite vai ter suas primeiras núpcias. Banho demorado. O senhor acha que devia ter feito diferente?

Não acho. Eu tava certo do meu retorno ao lar de outrora. Com minha Maria, esposa, amante, senhora. Meu coração acelerou como nunca antes havia feito. E eu voltei pra casa cantarolando uma cantiga apaixonada dessas que falam da lua, de sabiá e de cabana. Eu me sentia o cantor daqueles versos, voltando pra minha cabana. Como o senhor se sentiria?

Acredito. Chegando lá, Maria ainda não tinha voltado. E eu coloquei minha janta, ora, a vida me fez agreste. E assim sendo tem coisas que não mudam. Tava com fome. Comi. Parecia que tava com a fome canina. Repeti. E repeti de novo. Depois, fiz eu mesmo o café que já tava acostumado depois da mudança de Maria. E ela nada de chegar. De repente, sinto entrar pela janela, de maneira tímida, a pequena cortinava da janela também anunciava sua chegada e tocando na minha face, um ventinho frio que há dias não ocorria no sertão. Era Maria se despedindo de mim. Aquele vento fez cair sobre mim o peso da compreensão do

que tava ocorrendo. Terminei o café. Tomei o quente, mas nem percebi. Um sentimento de pequenez tomou conta de mim. E pela primeira vez chorei um choro de homem. O senhor me acredita?

Ainda hoje não me esqueci. A dor do abandono é ruim. Não desejo pra meu pior inimigo. Senti-me uma criança indefesa e abandonada pela mãe. Ou um rapazote filho de agregado que perde a primeira namoradinha pra o dono da fazenda. Há tantas coisas ruins que eu compararia a dor que senti. Sabe como ela fez? Depois daquele bom tempo guardando o dinheiro da minha lida diária. Maria arrumou um pé de meia razoável. E como eu saía muito cedo pra lida, ela levantou também cedo e começou a arrumar a casa. Depois cuidou da comida. Eu não almoçava em casa mas na casa grande com o patrão e os outros trabalhadores. De forma que ela teve todo o tempo do mundo pra preparar tudo. Isso que estou contando agora quem me falou foi dona Filomena, antes de ir ao vilarejo pegar o caminhão de Zé de Telvina até à cidade, Maria teve o cuidado de falar tudo à dona Filó. Achei uma atitude justa. O senhor, o que diz?

Maria disse ainda que não tinha destino certo. Que eu não fosse procura-la. Que sendo jovem tinha mais futuro com uma moça da minha idade. Que a vida não tinha dado certo pra nós, melhor não insistir. Que lembrasse dela como uma coisa boa... Acredita que Maria me fez sentir culpado pela nossa separação. Talvez tenha sido o tom de voz de dona Filó me contando tudo. O que dona Filó não me contou, que deveria ter contado. O senhor é capaz de arriscar?

Não, não foi isso! Se fosse eu estaria aqui contando ao senhor com um ódio danado. Veja que estou contando tranquilo. Não que a vida para mim tenha mudado. Como a própria Maria disse, “eu tinha futuro”. O que me faz falar de Maria com essa misturada de sentimentos contraditórios não é o bem que ela me deu durante aquele tempo. Ou o mal que me fez quando me deixou. O que me faz falar de mal de Maria, quando às vezes falo, não foi traição não, senhor. Assim também como o que me faz falar de bem de Maria não foi o amor que ela me deu. Tampouco as comidas que ela me fazia. Ou as sem vergonhices que sabia e praticava comigo. Não senhor, não foi nada disso.

O que me faz guardar essas lembranças misturadas de Maria é saber que ela não me deu um filho não foi porque não quis. Maria tinha quase tudo para ser uma grande mãe. De forma que que não me deu o filho não foi por não desejar-lo também. Maria não me deu um filho não foi porque não fosse capaz de criar um filho ou porque tinha medo de deformar-se. Maria não me deu um filho, ou melhor, não nos deu um filho, porque Maria era gora, como dizem no sertão. Estéril. O senhor compreende?

– Deveras!!!

---

## CRÔNICA DE FIM DE ANO

Acabou-se, não sem antes nos deixar terríveis e lindas lições. É provável que muita gente tenha aprendido muita coisa com 2021, também é provável que outras muitas nada tenham tirado de aprendizado. Eu com meu olhar que almeja um dia a visão Fontana de Manuel de Barros, vi tanta coisa e tanto fato, verdadeiras lições que a vida nos proporciona. Mas é preciso ter olhos que afaguem, ouvidos que escutem os cheiros, nariz que sintam o colorido das gentes, mãos que ajudem pelo sabor da solidariedade, é preciso ser sinestésico para perceber o próximo.

Eu vi um chefe de nação simplesmente indiferente a qualquer dor sentida por seus nacionais, e num efeito cascata vi a omissão de um congresso de homens ditos representantes do povo, ao lado de uma corte de supremos magistrados simplesmente criarem cortina de fumaça para encobrir a gravidade deste fato: aprendi com isso que o povo está só, mas como povo também estamos em conluio com tudo isso quando

nos omitimos de lutar, esbravejar, gritar, e se preciso for implantar o caos para eles.

Eu vi um padre se indignar ante a força estarrecedora da fome que voltou a assolar as pessoas pobres de uma grande capital, e sair pelas ruas diariamente distribuindo comida aos famintos; contudo, vi o perseguirem e acusá-lo de comunista. Aprendi com isso que ainda somos um país frágil, onde discursos vazios sem nenhuma embasamento científico ganham status de verdade no consciente coletivo e alimentam fantasmas de um tempo passado onde não havia nenhum acesso ao conhecimento crítico.

Vi os flanelinhas do Econômico darem uma verdadeira lição de comunismo, praticando. Cada moeda recebida sendo jogada numa caixa e ao final do expediente serem divididas igualmente entre os componentes da equipe. Vi que a maioria das pessoas não conseguiu ver este fato tão significativo, simplesmente porque preferiu hipotetizar que todos ali comprariam drogas. Aprendi então que o comunismo é bom, ele torna todos iguais, confirmei que não se trata de tirar de quem tem para dar a quem não tem, embora isso seja também bom, que é massa quando todos trabalham e recebem pelo seu trabalho seu percentual em equidade do que foi produzido. Aprendi que ninguém tem nada a ver com o que cada um faz com o que ganha, alguns compram alimentos para o corpo, outros passagens para fugir do caos desta vida.

Vi que as redes sociais têm sido o lugar de escape de nossos

sentimentos e angústias, algumas pessoas destilam amor em frases de efeitos pré-produzidas, outras destilam esperanças em verso e prosa, uns optam por destilar ódio em indiretas a seus desafetos, há os que refletem politicamente cada fato social e leva suas reflexões às redes, por fim, os memeiros que entre uma ironia e outra, condensam todas as formas de expressão de vazio. Aprendi o que já sabia, as redes sociais aproximam os distantes e afastam os próximos; trata-se de um mundo de fantasia, onde nosso avatar é real, “não confunda meus status com o que eu penso” embora eu seja assim mesmo, aleatório.

Eu vi em tudo isso uma flor que teima em renascer, e teimam em matá-la, e ela ressurgue e matam, e nesta eterna luta de uma flor fênix, estamos nós, o povo, eu, tu, ele, nós, vós, eles, é “nóis que carrega” esse país nas costas, operários de todos os segmentos: educação, segurança, saúde, comércio, indústria, serviço, agricultura, etc., etc., etc. aprendi que enquanto não aceitarmos essa condição de que somos um só tecido onde cada um é um fio, estaremos deixando que matem a flor e quando morre essa flor, morremos nós a cada dia, de fome, de tragédias previsíveis, de doenças curáveis, de balas perdidas.

Eu vi e aprendi.





---

## GRACIOSA

Conversa?! Talvez sim, talvez não. Quem sabe do coração é quem sente. Se dizem que coração é terra que ninguém pisa, mente, ou por baixo, está muito enganado.

Foi assim comigo, e é assim com toda a gente, basta ter sangue nos olhos, ou no zói, como fala a minha gente. Falo assim porque é de vera. Quer saber como? Pois eu digo, a história foi essa que te preludei.

Conheci Graciosa Alice, ela já era mãe, tinha uma filhinha tão linda e de nome tão lindo quanto. Era a Doralice, a quem chamávamos Bolota porque era uma gordurinha só. Sabida demais, era a alegria em criança onde chegava. Graciosa esperava a segunda filha. Já tinha seis meses de grávida. Foi meus olhos baterem nela e meu coração disparar. Se eu tinha visto ela grávida antes de conhecê-la por que registrei a menina? Pai é quem cria e dá carinho e afeto, ainda hoje é assim. Registre e registro.

Chamamo-la Dionisia. Depois veio uma menina, essa sim, minha de sangue afeto, foi a Graciane, tão linda até hoje. Depois dois garotos. O Nonato e o Romão, diferença de dois anos entre um e outro. Essa é nossa família e para chegar aonde chegamos com esta nação, tivemos que batalhar muito. Mas eu me oculto aqui.

Você sabe o que é criar cinco filhos numa comunidade pobre? Graciosa sabe. E contar esta história sem dourar pílulas é dolorido, mas se não fosse, seria um romance romântico cheio de idealização mentirosa. Essa narrativa não, ela tem verdade, e a verdade dói.

Se hoje é complicado a gente ter filho em comunidade periférica, imagina naqueles tempos. Época do golpe militar a que os loucos fanáticos chamam ainda hoje de revolução. Revolução é coisa séria, e se acontece é para mudar para melhor a vida do povo. Aquilo não. Veio para cercear a liberdade, fazer o povo sofrer. Menino era para estar dentro de casa. Mas como fazer? Graciosa saía cedo para a luta, ela lavava roupas nas casas dos burgueses ricos.

Todo dia era uma casa diferente. E os meninos ficavam aos autocuidados. O que eu fazia? Não vamos atravessar a história dessa mulher. Deixe-me de fora. Sou apenas um figurante. Você há de me entender. Nessas lavações de roupas foi que veio a primeira gravidez, Graciosa era muito bonita, é o que falam ainda hoje os que a conheceram na juventude. Tempos de macho escroto. O Brasil é país onde o machismo é estrutural. Desde as

origens mais remotas deste país colonizado. A violência contra a mulher começou contra a índias e acabou por se tornar algo legitimado pela sociedade patriarcal. Depois foram as negras, nas senzalas, os senhores de engenho saciando seus prazeres viris. Depois é o que sabemos. Silenciadas, tantas mulheres sofreram esses abusos. Pronto. Foi assim que Graciosa teve sua primeira filha. Não digo que um abuso com violência física. Não, não digo, mas outra violência, a da necessidade. Eu conto esta história como um segredo? Que nada! Essa é apenas uma entre milhares! Os filhos do Brasil, uma grande parte veio assim, frutos desta violência psicológica da necessidade. Era uma cidade pequena, mas era celeiro de artistas. Moça e linda como era, é claro que haveria de encantar alguns corações. E encantou. O meu? Não insista em me indagar onde entro nesta história. Apenas me escute e haverá de entender muita coisa. Apaixonou-se por um seresteiro! Coração que não tem jeito. Tanto pedreiro onde ela morava. Tanto pintor de parede bom. Operários da melhor serventia. Quero não! Dizia ela. Sou do morro, morro aqui mas não me envolvo com esses trastes daqui. São até trabalhadores mas o negócio é fim de semana futebol, samba e cachaça. Lote de fi duma égua, eu quero é sombra. E o seresteiro onde entra? Imagina aí? Entrou uma vez e saiu fora. Deixou uma criança encomendada. É a Dionísia, hoje está aí para contar a história. Nunca ouvi Graciosa falar dos pais de seus filhos. Nem de bom, nem de mal. É como se eles não existissem. Ou se existir é por autoprocamação ficcional. Já pensou que história maluca? Pois bem, foi assim que ocorreu tudo na vida de Graciosa. Defeitos? Todo mundo tem. Os dela, eu destaco um, gostava de um palavrão. Mas quem não gosta. “Esses fi de... só pensam em

futebol!” e lavava o uniforme do time, na época chamava-se terno.

Tudo bem, que a turma pagava. Aliás, em dia de jogo o terno só era liberado mediante pagamento. O que gerava muita confusão porque nem sempre os atletas levantavam entre eles aqueles numerário da lavagem de roupa. Em época de carnaval, esculhambava a turma toda, bando de vagabundos! Não tem o que fazer, inventam de pular carnaval! Falava tanto, mas acabava por participar da equipe que fazia as fantasias.

Graciosa era e é mulher de comunidade. Eu mesmo se pudesse corromperia o tempo e faria dela uma bela dama de nossa comunidade. Mas Graciosa não nasceu para isto, ela nasceu foi para a luta e criou seus cinco filhas e filhos sem o espectro de um homem. Graciosa não é uma mulher, ela é todas as mulheres deste Brasil que não se curvou ante a adversidade. Suas filhas e filhos estudaram, seus netos e netas estudam, seus bisnetos e bisnetas estudam, porque ela sempre soube da importância da educação para o indivíduo e para a comunidade. Entende? Não entende? Quer que eu desenhe?

---

## ANJO

Quando Pequeno apareceu naquela família, fez-se o anúncio de um tempo novo. Tratava-se de uma providência divina? Em verdade, o clima na família não era dos melhores, o casal vivia num embate conflituoso. Inclusive já haviam se separado por alguns meses. O que deixava o casal de filhos adolescentes perdido. A mãe, mulher jovem, pouco mais de quarenta anos, o pai, um senhor de quase setenta, ambos em um segundo relacionamento, em comum, duas vidas que buscavam uma segunda chance. Mas havia uma incompatibilidade pela diferença de idade.

O pequeno era sobrinho dela. Filho de um irmão que arribara para as terras do sul. A mãe, paraense que não suportando a vida de privações e dificuldades, abandonara o marido à própria sorte com o pequeno recém-nascido, e voltara à casa dos pais levando dois outros filhos mais velhos, respectivamente 4 e 6 anos. Justo? Cada um ache segundo o seu julgamento e caráter.

O pai deixara o pequeno, primeiro com a avó, numa cidadezinha do interior do estado que não me recordo o nome. A julgar pelo nome pouco conhecido, dá pra imaginar a cidade? Notícias quase nenhuma chegava de lá. Até que certa manhã, aparece ela, a avó, com uma criança franzina no colo.

– Seu irmão pediu para você cuidar do garoto enquanto ele arranja meios em São Paulo. Havia tristeza na voz daquela mulher. Das duas uma, mentira ou remorso?

Ismael Silva Arcanjo, era o nome de pia, magrinho, olhos amendoados, cabelos espetados, numa aparência de indígena. Dois anos apenas, mas falava pelos cotovelos, como dizem. Demonstrava na fala mais idade do que tinha, inclusive dava para se meter nas conversas dos adultos. E não demorou muito para saber o nome de todas as pessoas da ruinha, as quais o chamavam de Pequeno.

O primeiro ano passou rápido e o pai de Pequeno ausentava de dar notícias. As poucas que chegavam, vinham desencontradas e inseguras. E pequeno sempre perguntando:

- Meu pai vem me buscar quando? – Cadê meu pai? – meu pai já chegou? A estas perguntas seguiam respostas que acalentavam até o próximo dia. E assim passou-se o primeiro ano de Pequeno em nossas vidas. Pequeno completara 3 anos. Fizeram uma festa bonita e as pessoas da ruinha foram prestigiar o garoto. A meninada brincava solta, lugar seguro onde carros não entravam porque não havia saída. Pequeno mostrava todos os

presentes que ganhara. E dizia que estava muito feliz. Seria sua primeira festa de aniversário?

Um dia o pai de Pequeno apareceu. Não parecia que tivera arranjado meios por onde andava. Não demonstrou muito interesse pelo filho, viera a mando do peso da consciência, e apenas avisou que não poderia ficar com o menino. Como trabalharia com uma criança? Deixou um dinheiro que trazia em carteira e entregou à sua irmã. No outro dia cedinho, praticamente não se despediu e foi embora, assim como um cigano que não para em lugar nenhum. Coube à tia de Pequeno explicar ao menino que o pai precisara viajar a trabalho, mas logo voltaria. Surpreendeu a todos, a reação do garoto quando dissera que já sabia.

A partir daquele dia, como alguém que toma uma decisão, Pequeno passou a chamar à tia de mãe e a seu esposo de pai. O ambiente naquela casa passou a ser de paz. As brigas eram coisas do passado e os laços entre eles se fortificavam a cada dia. Era preciso. Por quê?

Pequeno agora contava com quase 4 anos e os últimos meses tinham sido de harmonia naquela casa. O garoto era a alegria não apenas da casa, mas também de toda a ruinha. E não havia quem não simpatizasse com sua falinha engraçada e suas observações perspicazes. Todos já comentavam que no início do ano vindouro Pequeno iria estudar. Essa notícia o alegrou grandemente.

Era início de dezembro quando numa madrugada a ruinha despertou com o desespero da agora mãe de Pequeno. A mulher aos prantos pedia socorro aos vizinhos, enquanto o esposo o carregava nos braços. Chamaram um carro de um vizinho e o levaram apressadamente ao hospital mais próximo. Pequeno sentira dores fortes no abdômen e desmaiou dessas dores. Lá, feitos os exames iniciais, o médico diagnosticou problemas nos rins do garoto. Ficou alguns dias no hospital e de volta para casa, quinze dias depois, novamente a dor o acomete, novo desespero. Novos exames, dessa vez a suspeita de que o garoto contraíra calazar. Tratamento iniciado, aparentemente controlado.

Passou-se um trimestre nessa situação, as dores vinham, levava ao hospital, novos exames, nova suspeita, novo tratamento. A barriga de Pequeno aumentara consideravelmente e o seu semblante já era de um doente crônico. Até que um médico sugeriu exames detalhados e a partir do resultado, iniciara a grande saga de Pequeno e sua mãe.

Pequeno fora acometido por um câncer, que se iniciara nos rins e se espalhara por todos os órgãos do garoto. Mas não de imediato, tratado os rins, os médicos animados criam na cura, meses depois o fígado, quimioterapia, pseudo cura, depois no pulmão, cabeça, até que Pequeno cegou. E não suportando mais tanto sofrimento, Pequeno encantou-se numa tardinha ganhando definitivamente suas asas de anjo, não sem antes deixar no coração de cada morador o exemplo de luta e espalhar o amor entre aquelas pessoas. Pequeno era um anjo que visitara aquela ruinha para nos dar uma bela lição de amor.



---

## O CÚMULO

Eles se encontraram em um churrasco com a turma da repartição. Ele da unidade 7, zona leste, gerente do setor de vendas. Ela da matriz, centro, recursos humanos. Trocaram olhares tão compenetrados que céus, terras e mares nessa hora, certamente se misturaram. Também evadiram-se numa transcendência em busca de vidas passadas onde se explicasse tamanha atração. Simplesmente esqueceram quem eram.

Ele, casado há 17 anos, dois filhos adolescentes, ambos no Ensino Médio, casa própria, carro, férias anuais em família. Ela, separada, um casal de filhos, a mais velha já na faculdade de psicologia. O que diria? O segundo, adolescente, Ensino Médio.

O clima estava tão bom naquele fim de tarde que ninguém percebeu aquela troca de olhares tão insinuante. E enquanto as outras pessoas dançavam forró ou samba, eles iniciaram uma espécie de dança do acasalamento. Era como se o mundo não os

estivesse vendo. E eles se enamoraram naquela tarde.

No final da festa, cada um para o seu lado. Trocaram ainda algumas palavras e resolveram se encontrar só os dois numa *happy hour* de sexta feira. Combinado, cumprido, foram a um barzinho discreto. Sentaram, pediram uma cerveja e ao som de MPB, conversaram diversos assuntos. Aparentemente, dois amigos de repartição. Por baixo da mesa, seus pés se contorciam em carícias ousadas. Ele chegou a tocar no joelho dela. E ela que sabia da sua condição de mulher livre, foi além, muito além e chegou a tocar com o bico do sapato de salto, numa carícia masoquista em suas partes.

A certa altura da conversa e das carícias sob a mesa, a pergunta retórica fatal:

- Você é casado não é mesmo? Parecia mais uma afirmação que uma pergunta. O que o deixou bastante à vontade para reafirmar que sim.

- Mas suficientemente adulto! Acrescentou ele. Ela de imediato não o compreendeu.

A relação entre eles se aprofundara nos últimos três meses. Ele em nada mudara os seus hábitos em casa. Discrição era seu lema. Ela sim, não poderia simplesmente sair por aí, em *happy hour* com um homem casado. Era independente, mas tinha a filha e o filho.

Mas o negócio foi ficando cada vez mais sério e ele começou a visitá-la em sua casa, sempre quando os filhos não estavam. Passavam horas juntos, assistindo a filmes, tomando uns drinques, namorando como dois adolescentes na primeira paixão. Ele lhe dizia coisas bonitas, ela lhe fazia comidas gostosas. Os dois estavam apaixonados.

Um dia, ele teve que deixar seu carro com a esposa. E ela ousou ir pegá-lo em casa, dando-lhe uma carona até o trabalho. Mais ainda, final de expediente foi busca-lo no trabalho, e o levou de volta à sua casa. Não houve má interpretação por parte dos filhos dele que o viram sair do carro da amiga de frente de casa. Contaram à mãe que também não viu razão para maldades.

Certa vez, ela ofereceu seu carro para ele passear com os filhos já que a esposa precisara do carro da família. Na boa, ele aceitou e passou o fim de semana com o carro dela. Durante a semana ele foi quase todas as tardinhas à casa dela. Era mês de julho e a prole dela viajara para casa do pai. Já não eram um casal de namorados, eram noivos modernos que não viam problemas em antecipar as núpcias. Ela comprara toalhas para ele, um conjunto de roupa de dormir, uma caneca do papai, e preparava as comidas que ele gostava. Até a cerveja de sua preferência havia sempre na geladeira. Tudo caminhava às mil maravilhas.

Numa sexta à tardinha, depois de umas cervejas com uns petiscos, após ouvir música, e assistir a um filme romântico a pedido dela. Após momentos de extremo prazer entre os dois, seguido de um banho relaxante, ela deitada na cama diz a ele que a

escova está no pequeno armário no banheiro.

– Que escova? Pergunta com voz nunca dantes ouvida por ela.

– Sua escova que comprei hoje à tarde quando fui à rua.

- Se não gostar, depois você me diz qual você gosta, que eu compro. E concluiu:

- escove os dentes e venha dormir, amor.

Mas coração é terra de ninguém, diz certo adágio. Aquela escova era o fim da picada. O que ela estava pensando? E foi embora para nunca mais voltar.

---

## LIÇÕES

O garotinho chegou debaixo da mangueira, que naquela época estava na sua primeira safra. Mangueira nova, plantada no pátio da escola quando da comemoração do dia da árvore, no mesmo ano em que a escola comemorava seu sexto aniversário. Tratava-se de uma escola muito jovem. Jovens professores e professoras transmitiam as lições aos alunos.

Ele pegou a manga madurinha, amarelinha, potencialmente docinha. Naquela época, a escola só ia até o sétimo ano do Ensino Fundamental. Muita criança no Infantil, no Fundamental I no quinto, sexto anos. Mas o sétimo ano era uma espécie de tubo de ensaio, apenas 6 alunos compunham aquela turma.

- Gosto mais quando ela tá devês! Disse o garotinho como que decepcionado com a sorte parcial. O professor que chegara à escola também era jovem, e teria naquela casa de educação a oportunidade de experimentar a docência. Teria ele a vocação

para tão importante função? Era o que lhe passava pela cabeça. De maneira que as desconfianças eram perceptíveis. Inclusive na entrevista com o diretor da escola.

- Qual sua formação? Tem experiência? Estamos precisando de um professor de Português para o terceiro e quarto anos e para o Fundamental II. O que prefere?

- Mas uma fruta não cai de sua árvore se não estiver madura! Disse o jovem professor ao garotinho. Das três perguntas três respostas objetivas:

- Não;

- Não; Fundamental II. Aquele diretor reencarnara o Sr. JJ do emblemático filme “O Homem Aranha”.

- VI semestre de Letras?

- Sem experiência fica difícil!

- Vou te colocar no terceiro e quarto anos. Meio salário! Começa na segunda!

- Mas a gente pode derrubar! Disse o garotinho firmemente.

- Minha formação não é para dar aula para crianças de fundamental I, senhor! O professor, não obstante sua juventude e consciência diante dos fatos, estava convicto de sua decisão. O diretor argumentou com insinuações implícitas:

- No fundamental II tem muitas adolescentes e as salas são numerosas. O jovem professor, desconsiderou as insinuações e foi

direto ao ponto que lhe era importante. – Sem falar que o pagamento não atende às minhas necessidades!

- Como poderei criar um filho com esses valores?

O garotinho, ainda que preferisse a manga devês, ficou contente por ter chegado na horinha em que a succulenta fruta caíra. E disse em um tom de felicidade:

- Vou comer na hora do recreio! Aquela nova informação iria fazer uma enorme diferença na vida daquele jovem professor.

- Você tem filho?

- É casado?

- Tudo bem! Sendo assim, poderá ficar com as turmas do fundamental II.

O jovem professor então perguntou ao garotinho que série ele fazia.

- "Alfabetização!" Respondeu com certo orgulho! O professor saiu da sala do diretor, foi até a biblioteca com a coordenadora que lhe mostrou os livros com os quais trabalharia naquela escola. Ela passou-lhe as orientações mister e disse que na segunda o aguardaria às setes horas com os planos de aula da semana. Em seguida, o jovem professor se despediu e saiu para sua casa, levando a boa nova à família.

Antes que o garotinho retornasse à sua sala o professor fez-lhe uma última pergunta: Mas o que é devês?

- O garotinho pensou um pouco e respondeu com

convicção:

- Quando a manga tá verde, ela é dura e é branca e azeda por dentro.

- Quando tá madura, ela é mole, amarelinha e bem docinha.

- E devês, é quando de vez dela está verde e de vez dela está madura, ela está devês! Aquela resposta, que a priori pareceu uma saída pela tangente, nada mais é que a capacidade de simplificar e achar solução para os problemas. Isso é natural nas crianças.

Meus dias naquela escola foram muito mais de aprendizado com aquelas crianças do que de ensinamento. E foi meu filho que me admitira naquele meu primeiro emprego como professor. E foi desse garotinho que recebi uma grande lição. Salve as crianças!



---

## FLACIDEZ

Ela chegou e mostrou a ele uma charge que trazia um casal de idosos. A mulher com os seios tão flácidos que chegava até à cintura e o homem tinha a flacidez acumulada dos anos representada no saco escrotal. Mostrou-lhe com um riso na cara. Insensível a semiótica perversa que residia naquela charge. Havia legenda? Ou seria essa legenda impublicável?

Ela mostrou-lhe e ria indiferente à representatividade da charge em suas vidas. Ele olhou. Não riu. Manteve-se impávido diante daquela imagem que na sua percepção não tinha nada de engraçado. Mas um filme passou pela sua cabeça. E ele se lembrou de Sara e da sua velhice que a impedira a maternidade até que Deus teve piedade e concedeu o milagre para ela, que em idade avançada se tornasse mãe. A velhice no caso de Sara era um problema, mas foi a serenidade dessa mesma velhice que fez com ela acreditasse na promessa de Deus e se mantivesse firme na fé. O que acabou contrabalanceando. E Sara foi atendida pelo Senhor.

Ele a olhou com olhos de quem ama. Não riu. Ela não entendeu porque ele não rira já que ela tinha achado engraçado. E ambos tantas vezes antes haviam sorrido e gargalhado juntos diante de coisas tão menos engraçadas. Ele lembrou dos seus avós maternos, do amor que os unia e da atenção que eles dedicavam a todos os netos. Seus passos lentos e formas agradáveis. Lembrou dos avós paternos com os quais pouco convivera. Aquele avô que com trinta e cinco anos já era velho pela vida dura que precisara levar para criar os filhos e com quarenta finou-se de um mal inexplicável em sua idade tão tenra. Um avô que poderia ter sido mas que não foi.

Ela achou estranho aquele seu jeito calado de quem estivesse mergulhado em pensamentos. Em verdade, ele estava numa espécie de transe. E lembrou do neto de Enoque bíblico, o avô de Noé. A longevidade de Matusalém, prova de que Deus nos fez para ficarmos velhos. Lembrou de seu pai, que mantinha um ar jovial mesmo após os setenta anos, e era conhecido pela elegância e zelo com a sua vivência. Lembrou da sua mãe que com setenta e três anos mantinha um ar de menina, mas com o semblante e sabedoria de uma Senhora que promete ser centenária.

Ela estranhava cada vez mais aquela atitude silenciosa. E ele lembrou das tias Leopoldina, e da sua alegria nongentésima, das tias Joana e Josefa quase centenárias e fortes, e sábias, e teimosas como crianças, lembrou de sua tia Rosa em São Paulo, de seu tio Antonio e suas prosas, lembrou de mãe penha, tão boa, lembrou Janelice e sua força, insistentemente alegre.

Por fim lembrou-se de Moisés “Ensina-nos Senhor a contar os nossos dias de tal maneira, que alcancemos coração sábio”. E então chegou à conclusão de que a velhice, não obstante a percepção da sociedade capitalista que insiste em excluí-la, é tempo de bonança. Onde colhemos os frutos das árvores boas que plantamos ao longo da nossa vida.

Ela não entendia simplesmente. E ele ainda lembrou da oração tantas vezes ouvida em diversas ocasiões “Conceda-me, Senhor, a serenidade necessária, para aceitar as coisas que não consigo modificar, coragem para modificar aquelas que eu puder, e sabedoria para distinguir uma da outra.” Sabia ele que essa serenidade emana dos anos que fazem a velhice.

Ela calada olhava para ele. Que por fim lhe disse

- Não te rias da gente! Quando os teus seios ficarem assim, ainda te amarei. As lembranças dos tempos de juventude quando carregavas em teu busto duas peras as quais eu afagava em carícias. E se forem insuficientes essa lembranças. Fecharei os olhos por um instante e lembrarei que foram de teus seios que emanaram os nutrientes que alimentaram meus filhos. E quando a flacidez dos anos me deixarem assim, não me importarei, meu amor, já teremos feito tanto amor, que não haverá motivo para vergonha. Haverá sim, lembranças de uma virilidade dedicada à sua amada. A verdadeira beleza é invisível aos olhos comuns, ela só é possível com os olhos da alma



---

## NESSE ÚLTIMO ANO

Descobri nesse último ano o que não estava encoberto. E que as coisas realmente importantes, por exemplo, residem nas coisas mais simples: uma palavra positiva, um abraço, um sorriso.

Descobri que posso ser eu mesmo, original, ainda que utilize pensamentos de outrem, nós somos rios caudalosos recebendo afluentes constantemente.

Descobri que não escolhemos o que ouvir, mas podemos escolher o que propagar. Descobri que, num instante, um soco dói mais que uma palavra, mas esta pode ferir para sempre.

Descobri que não existem novas canções, mas velhas canções com um novo sentido. Descobri que o novo sentido quem escolhe é a gente, e tudo conspira para que o sentido seja muito melhor.

Descobri que a lei de Murphy é apenas um ponto de vista, escolha o sorriso. Descobri que o amor é um agregado de pequenos momentos, o amor é a própria vida: viva, ame!

Descobri que o amigo perfeito não existe sozinho. Ele é o resultado de todas as relações de amizade que você tem. Descobri que as convenções sociais mais prejudicam que ajudam, especialmente se você é feliz!

Descobri que nossos filhos crescem e precisam de autonomia para caminhar sozinhos.

Descobri que pessoas não são empresas e vice-versa, embora algumas pessoas ajam como empresa, e é exatamente isso que humaniza uma empresa, em todos os sentidos.

Descobri que há várias formas de se dizer a verdade; e entre todas, a melhor é aquela que liberta. Descobri que a gente pode fazer promessas que não podem ser cumpridas simplesmente porque contrariará um princípio maior, e na vida é preciso ter prioridades.

Descobri que os três versos finais de cada estrofe do provérbio árabe são tão importantes quanto os outros. Descobri que quem vive com seis mil beijos, vive com três mil, mas é preciso ter jogo de cintura, é preciso saber beijar.

Descobri que o lazer é muito importante, mas não

precisamos levar muito a sério. Descobri que chega uma hora que temos que aceitar que o tempo passou, e não importa se o seu corpo está fininho, em algum lugar haverá sinais de que é preciso procurar um lugar mais confortável.

Descobri que você pode se juntar a dois amigos e criar uma empresa bem sucedida, nem que não obtenha lucros, haverá êxito. Mas é preciso ter visão de poeta.

Descobri que o watts aproxima o distante e distancia o próximo, e possivelmente daremos bom dia por ele estando na mesma casa.

Descobri que a gente pode ser graduado, especialista, mestre, doutor, pós doutor, mas o que nos faz importante é ser humano.

Descobri que ser generoso pra uns é defeito (a gente é bobo); pra outros, dom (a gente continua bobo); mas é bom ser generoso.

Descobri que sobrinhos nos ensinam muito sobre o que é ser tio. E essa foi uma das mais belas lições que descobri.

Descobri que quando a gente pensa, escreve ou fala, estamos atrelando às ações. De maneira que o nosso bem-estar e felicidade depende disso. De forma que também aqui poderemos estar produzindo fortes provas contra nós mesmos.

Descobri que há muitas pessoas que amam a gente, mas apenas umas poucas digam, só as mais especiais provam. Descobri que a Filosofia é uma bússola, e que não precisamos ser filósofos, apenas refletir.

Descobri que a nossa fé aumenta diante do medo. E a visão de quando estamos deitados numa maca sendo levados a um centro cirúrgico é um belo teste dessa nossa fé.

Por fim, descobri que a vida é assim: simples, palpável, maravilhosa. E não há quem não descubra o desencoberto durante um ano, especialmente porque o pior cego é aquele que não quer ver.



---

## POSFÁCIO

Compagnon afirmava que a literariedade não resulta de elementos linguísticos próprios, mas de uma organização mais densa. É essa literariedade que encontramos no livro de crônicas 'Prosas de Cabinha e de Professor, do poeta Difá Dias. Depois do livro de poemas 'Delírios', de 2014, Difá lançou, em 2022, o recente 'Metalinguagem da poesia e outros lirismos', conjunto de textos poéticos com intensa retórica autônoma. E agora, no papel de cronista, o professor e cabinha Difá Dias nos apresenta uma prosa dialética, memorialista e cotidianamente filosófica. Crônicas como 'Despedida' e 'Infância', de forma subjetiva, emocionam-nos como se estivéssemos acompanhando os passos do autor em cada cena vivenciada. Em Prosas de Cabinha e de Professor, o poeta não se separa do cronista, pelo contrário, eles são cúmplices de histórias que viveram, cada um com a sua visão de mundo, singularidade e estilo. Aliás, é na estilística que Difá revela, marcadamente, sua prosa, já que busca a leveza dos versos, bem como a metáfora lírica e informal no trato com a palavra. Em suma, ler as crônicas do nosso Difá Dias, de maneira atenta e dialogal, é encontrar um tempo de alegrias e sofrimentos comuns a todos nós. Por outro lado, utilizando-nos de uma opinião de Foucault sobre o discurso, é ouvir um orador que viveu dias entre as lutas contra um sistema de dominação que quer nos roubar o direito de tomar posse dessa fala, desse discurso.

E, por fim, quero parabenizar Difá Dias por mais essa produção de aguda sensibilidade literária.

Paulo Soares



FRANCINALDO DIAS

*P*ossui graduação em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (2005). Atualmente é professor efetivo – Secretaria da Educação Básica do Ceará. Professor substituto no Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri. Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri. Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande. Professor Efetivo da Rede Estadual de Ensino. Professor Substituto do Curso de Letras. Publicou várias Crônicas na revista da Cultura On Line e Jornal do Leitor, O Povo ON Line. 06 Córdeis Publicados. 01 Performance Poética no SESC – Crato. Conto “Gene Recessivo” Selecionado no Concursos de Contos do SESC – Crato.)! Livro publicado em 2015 “Delírios” poemas, participação na Coletânea de Poemas do Poste Poesia, Participação da Coletânea de Poemas Letras em versos, ambos em 2017.



# **CEARÁ**

**GOVERNO DO ESTADO**

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO